

*O Mistério de*  
**Charles  
Dickens**



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *O Mistério de Charles Dickens - Vol. I/ n.º 179 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Dan Simmons*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2012 Edições Saída de Emergência*

*Título original Drod © 2009 Dan Simmons. Publicado originalmente na Grã-Bretanha por Clays Ltd., 2009*

TRADUÇÃO: *Jorge Colaço*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II, S.A.*

1.ª EDIÇÃO: *Maió, 2012*

ISBN: *978-989-637-425-9*

DEPÓSITO LEGAL: *342871/12*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

*O Mistério de*  
**Charles  
Dickens**

VOL. I

DAN SIMMONS

*Tradução de Jorge Colaço*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



«O que pôs o génio do bom Wilkie à beira da perdição?  
Um demónio sussurrou: “Wilkie! Fixa uma missão!”»

A. C. Swinburne  
*Fortnightly Review*, Nov., 1889



## CAPÍTULO UM



O meu nome é Wilkie Collins e o meu palpite é que, uma vez que planeio adiar a publicação deste documento durante pelo menos cento e vinte e cinco anos depois da data do meu falecimento, não reconheçam o meu nome. Alguns dizem que sou um jogador e os que o dizem estão certos, pelo que a minha aposta, Caro Leitor, será a de que não leu nunca qualquer um dos meus livros e peças. Talvez que os povos britânico ou americano, daqui a mais ou menos cento e vinte e cinco anos, nem sequer falem inglês. Talvez se vistam como Hotentotes, vivam em caves iluminadas a gás, viajem em balões e comuniquem por pensamentos telegrafados sem o obstáculo de qualquer língua escrita ou falada.

Mesmo assim, apostaria tudo o que hoje tenho, tal como está, e todos os direitos futuros sobre as minhas peças e romances, tal como possam estar, no facto de que se lembrarão, *de facto*, do nome e dos livros e das peças e personagens inventadas do meu amigo e antigo colaborador, um tal Charles Dickens.

Assim, esta história verídica será acerca do meu amigo (ou, pelo menos, acerca do homem que um dia foi meu amigo) Charles Dickens e acerca do acidente de Staplehurst que lhe custou a paz de espírito, a saúde e, murmurarão alguns, a sanidade mental. Esta história verídica será acerca dos últimos cinco anos de Charles Dickens e acerca da sua obsessão crescente, ao longo desse tempo, com um homem — se era de um homem que se tratava — chamado Drood, bem como com assassínios, morte, cadáveres, criptas, mesmerismo, ópio, fantasmas, e as ruas

e becos desse esgoto bilioso a que o escritor sempre chamou «a minha Babilónia» ou «a Grande Fornalha». Neste manuscrito (o qual, como já expliquei — por razões legais bem como por razões de honra —, pretendo manter afastado de todos os olhares por mais de uma centena de anos após a sua e a minha mortes), deverei responder à questão, a que talvez ninguém mais, vivo no nosso tempo, sabia perguntar: «Terá o famoso, adorável e honrado Charles Dickens conspirado para assassinar uma pessoa inocente, dissolvido a sua carne em cal viva e enterrado secretamente o que dela restou, apenas ossos e um crânio, na cripta de uma catedral antiga que era uma parte importante da infância do próprio Dickens? E terá Dickens arranjado maneira de dispersar os óculos, anéis, alfinetes, botões e relógio de bolso da pobre vítima no rio Tamisa? E se foi assim, ou mesmo se Dickens apenas *sonhou* que fez estas coisas, que papel desempenhou um fantasma muito real chamado Drood no desencadear de uma tal loucura?»

O desastre de Dickens ocorreu a 9 de junho de 1865. A locomotiva que levava o seu sucesso, a sua paz de espírito, a sua sanidade, o seu manuscrito e a sua amante dirigia-se — quase literalmente — para uma fissura nos carris e para uma queda terrível.

Não sei se os Caros Leitores, depois de tantos anos, ainda registam ou recordam a História (talvez tenham renunciado a Heródoto e Tucídides e permanentemente habitem o Ano Zero), mas se permanecer algum sentido da História no vosso tempo, deverão conhecer bem os acontecimentos importantes daquele a que chamamos o Ano do Senhor de 1865. Alguns acontecimentos, tais como o fim da conflagração fraternal nos Estados Unidos, foram considerados dramáticos e de interesse considerável, por muitos, em Inglaterra, embora não por Charles Dickens. Apesar do seu grande interesse pela América — tendo já ido lá e escrito livros sobre ela, não completamente lisonjeiros deve acrescentar-se, e tendo lutado tão ferozmente para receber alguma recompensa pela pirataria das suas obras naquele caos de alarde dos direitos autorais que eram as antigas colónias —, Dickens tinha pouco interesse por uma guerra entre um longínquo Norte e um ainda mais longínquo Sul. Mas, em 1865, o ano do seu desastre em Staplehurst, Charles Dickens tinha razões para estar muito satisfeito com a sua própria história pessoal.

Era o romancista mais popular de Inglaterra, talvez do mundo. Muitas pessoas em Inglaterra e na América consideravam que o meu amigo era — exceção feita a Shakespeare e talvez a Chaucer e Keats — o maior escritor que alguma vez vivera.



Eu, claro, sabia que isto era um disparate, mas a popularidade, como se diz (ou como eu disse), cria mais popularidade. Vira Charles Dickens entalado num lavabo sem porta, a balir como uma ovelha perdida por um papel com que limpasse o rabo, e terão de me desculpar se essa imagem permanece mais verdadeira para mim do que a do «maior escritor que alguma vez viveu».

Mas neste dia de junho de 1865, Dickens tinha muitas razões para ser presunçoso.

Sete anos antes, o escritor separara-se da sua mulher, Catherine, que evidentemente o ofendera, durante os vinte e dois anos de casamento, por ter criado dez crianças sem se queixar e fazendo vários abortos, enquanto se resignava às suas queixas e acudia a todos os seus caprichos. Isto tornara a sua esposa tão querida ao ponto de, em 1857, durante um passeio a pé pelo campo, Dickens me descrever a sua amada Catherine como «Muito querida para mim, Wilkie, muito querida. Mas, no fundo, mais bovina do que arrebatadora, mais pesada que feminina... uma mistura alquímica de espírito vago, permanente incompetência, lentidão confusa e preguiça autoindulgente, uma grossa sopa de aveia apenas remexida pela colher da sua habitual pena de si mesma».

Duvido que o meu amigo se lembrasse de me ter dito isto, mas eu não me esqueci.

Na verdade, foi uma queixa que acabou com Catherine, em termos domésticos. Parece (na realidade, não «parece» nada — eu estava presente quando ele comprou a maldita coisa) que Dickens comprara uma pulseira cara à atriz Ellen Ternan após a nossa produção de *The Frozen Deep*, e o idiota do joalheiro mandara entregá-la na casa de Dickens, em Londres, Tavistock House, e não no apartamento da Menina Ternan. Este erro de entrega provocou a Catherine várias semanas de vagidos bovinos, recusando-se a acreditar que aquilo era apenas um inocente testemunho de estima para com a atriz que fizera um tão maravilhoso (na realidade, mal se diria competente) trabalho como amada do herói, Clara Burnham, na nossa... não, na *minha*... peça sobre amor não correspondido, no Ártico.

É verdade, como Dickens continuou a explicar à sua profundamente magoada esposa, em 1858, que o autor tinha o hábito de cobrir de oferendas generosas os seus atores e participantes nas suas diversas tentativas teatrais amadoras. Após *The Deep Frozen* já distribuía a outras pessoas da produção pulseiras e pendentos, um relógio, e um conjunto de três botões de esmalte.

Mas, então, ele não estava apaixonado por todos os outros. E estava apaixonado pela jovem Ellen Ternan. Eu sabia disso. Catherine Dickens

sabia disso. Ninguém pode ter a certeza de que Dickens sabia disso. O homem era um ficcionista tão convincente, para não dizer um dos tipos mais moralistas que alguma vez houve à superfície da Terra, que duvido que alguma vez se tenha confrontado e apercebido das suas próprias motivações mais profundas, exceto quando eram puras como a água da nascente.

Neste caso, foi Dickens que explodiu de fúria, gritando e bramando à logo apascentada Catherine — peço desculpa pela existência aqui de alguma alusão bovina — que as acusações da sua mulher maculavam a pessoa pura e luminosamente perfeita de Ellen Ternan. As fantasias emocionais, românticas, atrevo-me a dizer *eróticas*, de Dickens, sempre andaram à volta de uma devoção santificada e cavaleiresca a uma deusa hipoteticamente jovem e inocente, cuja pureza era eternamente irrepreensível. Mas Dickens pode ter esquecido que a desafortunada e agora domesticamente condenada Catherine vira *Uncle John*, a farsa que puséramos em cena (era tradição no nosso século, compreendem, apresentar sempre uma farsa juntamente com um drama sério) depois de *The Frozen Deep*. Em *Uncle John*, Dickens (com quarenta e seis anos de idade) desempenhava o cavalheiro mais velho e Ellen Ternan (de dezoto anos) fazia de sua criada. Uncle John, naturalmente, apaixonava-se loucamente pela rapariga com menos de metade da sua idade. Catherine deve também ter sabido que, enquanto eu escrevera o esboço do drama *The Frozen Deep*, sobre a busca da perdida Expedição Franklin, fora o seu marido que escrevera e nomeara o elenco da farsa romântica, *depois de ter conhecido Ellen Ternan*.

Uncle John não apenas se apaixona pela jovem que deveria proteger, mas cobre-a com, e cito as indicações cénicas da peça, «ofertas maravilhosas — um colar de pérolas, brincos de diamantes».

Não admira, pois, que quando a pulseira luxuosa, comprada para Ellen, apareceu em Tavistock House, Catherine, entre gravidezes, acordou da sua lentidão preguiçosa e vagueza de espírito e gritou como uma vaca leiteira espicaçada entre as espáduas por um pastor galês.

Dickens reagiu como qualquer marido culpado reagiria. Mas apenas no caso de esse marido ser o escritor mais popular em toda a Inglaterra e no mundo de língua inglesa e talvez o maior escritor que alguma vez existira.

Inicialmente, insistiu que Catherine fizesse uma visita social a Ellen Ternan e à mãe dela, mostrando a toda a gente que não poderia existir qualquer ponta de suspeita ou ciúme da parte da sua mulher. Fundamentalmente, Dickens estava a exigir que a sua mulher se desculpasse publicamente perante a sua amante — ou pelo menos perante a mulher que em breve escolheria ser sua amante quando ele tivesse coragem para

fazer os arranjos necessários. A chorar, lastimavelmente, Catherine agiu como lhe mandavam que agisse. Humilhou-se, fazendo uma visita social a Ellen e à Sra. Ternan.

Não chegou para diminuir a fúria de Dickens. Pôs fora de casa a mãe dos seus dez filhos.

Enviou Charley, o seu filho mais velho, para viver com Catherine. Conservou junto dele o resto das crianças, em Tavistock House e, por vezes, em Gad's Hill Place. (Sempre observei que Dickens apreciava os seus filhos até eles começarem a pensar e agir por si próprios... por outras palavras, quando deixavam de se comportar como Little Nell ou Paul Dombey ou qualquer outra das suas construções ficcionais... e, depois, rapidamente ficava farto deles.)

O escândalo, claro, não ficou por aqui — protestos da parte dos pais de Catherine, retratação pública destes protestos forçados por Dickens e pelos seus advogados, declarações públicas terroristas e enganadoras da parte do autor, manobras legais, uma publicidade terrível, e a imposição final e irrevogável de uma separação legal da sua mulher. Recusou-se mesmo a comunicar com ela, mesmo que fosse acerca do bem-estar dos filhos de ambos.

Tudo isto da parte do homem que sintetizava, não apenas em Inglaterra mas no mundo inteiro, a imagem do «lar feliz».

Claro que Dickens continuava a precisar de uma mulher em casa. Tinha muitos criados. Tinha nove crianças em casa com quem ele não se queria maçar, exceto quando estava com disposição para brincar com eles ou dependurá-los nos joelhos para a fotografia. Tinha obrigações sociais. Havia ementas, listas de compras e encomendas para floristas para preparar. Havia muitas limpezas e organização para supervisionar. Charles Dickens precisava de ser libertado destes detalhes. Ele era, tem de compreender, o maior escritor do mundo.

Dickens fez o óbvio, embora a si ou a mim pudesse não ter parecido assim tão óbvio. (Talvez nesse distante século vinte ou vinte e um, ao qual eu confio esta memória, *seja* a coisa óbvia. Ou talvez você tenha, se for esperto, abandonado por completo essa estranha e exótica instituição que se chama casamento. Como verá, no meu tempo evitei o matrimónio, optando por viver com uma mulher ao mesmo tempo que tinha filhos de outra, e alguns do meu tempo, para gáudio meu, chamaram-me canalha e chulo. Mas estou a divagar.)

Então Dickens fez o óbvio. Elevou Georgina, a irmã solteirona de Catherine, ao papel de esposa de substituição, a senhora de sua casa e disciplinadora dos seus filhos, anfitriã das suas muitas festas e jantares, e a Sargento-Mor da cozinha e dos criados.

Quando começaram os inevitáveis rumores — centrados mais em Georgina do que em Ellen Ternan, que recuara, poder-se-ia dizer, das luzes da ribalta para a sombra —, Dickens chamou um médico a Tavistock House. A este foi mandado que examinasse Georgina e depois foi-lhe ordenado que fizesse uma declaração pública, que ele fez, declarando a toda a gente que a Menina Georgina Hogarth era *virgo intacta*.

E isso, assumiu Charles Dickens, seria tudo.

Mais tarde, a sua filha mais nova dir-me-ia, ou pelo menos disse-o ao alcance dos meus ouvidos: «O meu pai estava como louco. Este assunto trouxe ao de cima tudo o que havia de pior — e tudo isso era o mais fraco — nele. Não se ralava nada com o que nos acontecia. Nada podia ultrapassar o tormento e a infelicidade da nossa casa.»

Se Dickens estava consciente da infelicidade deles, e se isso fazia diferença no caso de estar de facto consciente, não o mostrou. Não a mim, nem aos seus mais recentes amigos próximos.

E a sua assunção de que a crise passaria sem que os seus leitores o abandonassem estava certa. Se eles soubessem das suas irregularidades domésticas, ter-lhas-iam evidentemente perdoado. Ele era, afinal, o profeta inglês do lar feliz e o maior escritor do mundo. Tem de ser dada tolerância.

Os nossos pares literários masculinos e amigos também perdoaram e esqueceram — com exceção de Thackeray, mas isso é outra história — e tenho de admitir que alguns deles, alguns de nós, tacitamente ou em privado, aplaudiram que Charles se tivesse libertado das suas obrigações domésticas para com uma tão pouco atraente âncora flutuante, que perpetuamente se arrastava. A rutura deu uma centelha de esperança aos mais desanimados homens casados e divertiu-nos, a nós, solteirões, com o pensamento de que, talvez, se podia regressar desse território desconhecido que era o casamento, do qual se dizia que nenhum homem conseguia alguma vez regressar.

Mas, suplico-lhe, Caro Leitor, lembre-se de que estamos a falar do homem que, algum tempo antes, pouco antes do seu encontro com Ellen Ternan, quando ele e eu batíamos os teatros à procura do que chamávamos «as nossas pequenas pervincas especiais» — aquelas atrizes muito jovens e muito bonitas que descobríamos com mútua satisfação estética —, me dissera: «Wilkie, se entretanto conseguires pensar nalgum modo formidável de passar a noite, fá-lo. Por esta noite apenas, só aos Ventos peço contenção! Se a mente for capaz de imaginar alguma coisa suficientemente ao estilo da Roma Sibarita nos dias do apogeu da sua volúpia, sou o teu homem.»

E para um tal desporto, eu era o dele.

...

Não esqueci o dia 9 de junho de 1865, o verdadeiro início desta cascata de acontecimentos inacreditáveis.

Dickens, tendo explicado aos amigos que sofria de excesso de trabalho e do que ele vinha chamando, desde o meio do inverno, o seu «pé queimado do frio», tirara uma semana de folga do trabalho de terminar *Our Mutual Friend* para desfrutar de umas férias em Paris. Não sei se Ellen Ternan e a sua mãe foram com ele. Sei que regressaram com ele.

Uma senhora, que nunca conheci nem nunca desejei conhecer, uma certa Sra. William Clara Pitt Byrne (amiga, disseram-me, de Charles Waterton — o naturalista e explorador que relatou as suas aventuras corajosas pelo mundo inteiro, mas que morrera de uma queda desastrosa na sua propriedade de Walton Hall apenas onze dias após o acidente de Staplehurst, e cujo fantasma se disse mais tarde que assombrava o local sob a forma de uma grande garça cinzenta) gostava de enviar umas pequenas peças de maledicência maliciosa para o *Times*. Este maldoso pedaço, relatando que o nosso amigo fora avistado no barco de Boulogne para Folkestone nesse dia 9 de junho, apareceu alguns meses depois do acidente de Dickens:

*Viajava com ele uma senhora, que não era a sua esposa, nem a sua cunhada, mas ele pavoneava-se no convés com o ar de um homem impante de autoimportância, cada linha do seu rosto e cada gesto dos seus membros pareciam dizer com altivez: «Olhem para mim; tirem partido da oportunidade. Eu sou o grande, o único Charles Dickens; faça o que fizer, tudo é justificado por esse facto.»*

Dizem-me que a Sra. Byrne é conhecida sobretudo por um livro que publicou há alguns anos intitulado *Interiores Flamengos*. Na minha modesta opinião, ela deveria ter reservado a sua caneta sulfúrica para escrever sobre divãs e papel de parede. Os seres humanos estão claramente fora do alcance da sua visão estreita.

Após desembarcar em Folkestone, Dickens, Ellen e a Sra. Ternan tomaram o comboio pendular para Londres das 2:38. Quando se aproximaram de Staplehurst, eram os únicos passageiros da sua carruagem, uma das sete composições de primeira classe do comboio pendular nesse dia.

O maquinista ia à velocidade máxima — cerca de oitenta quilómetros por hora — quando passaram Headcorn, onze minutos depois

das três da tarde. Aproximavam-se agora do viaduto ferroviário perto de Staplehurst, embora «viaduto» — o nome dado à estrutura no guia oficial dos caminhos-de-ferro — possa ser uma palavra demasiado pomposa para designar a rede de vigas que suportava os pesados barrotes de madeira que atravessavam o pouco profundo rio Beult.

Trabalhadores levavam a cabo uma substituição de rotina de madeiros velhos nessa travessia. A investigação posterior — e eu li os relatórios — mostrou que o capataz consultara o horário errado e não esperava o comboio pendular senão dali a duas horas. (Parece que nós, os viajantes, não somos os únicos a ficar confundidos pelos horários dos caminhos-de-ferro britânicos, com os seus infinitos asteriscos e parênteses confusos nos feriados e fins de semana e comboios tardios.)

Era requerido, pelos estatutos dos caminhos-de-ferro e pela lei inglesa, que estivesse um homem com uma bandeira nos carris a mil metros desses trabalhos — dois dos carris tinham já sido levantados, na ponte, e colocados ao lado da linha — mas, por alguma razão, esse homem com a bandeira vermelha estava apenas a quinhentos e cinquenta metros da interrupção. Isto não deu ao comboio, que viajava à velocidade do expresso pendular Folkestone-Londres, qualquer hipótese de parar a tempo.

O maquinista, vendo a bandeira vermelha agitada tão tardiamente e — uma visão muito mais abismal, estou certo — vendo a interrupção de carris e travessas na ponte à sua frente, fez o que pôde. Talvez que no seu tempo, Caro Leitor, todos os comboios tenham travões que possam ser acionados pelo maquinista. Não é assim na nossa época, em 1865. Cada carruagem tem de ser travada individualmente e, mesmo assim, só por ordem do maquinista. Este apitou como um louco para que os guardas, que iam ao longo do comboio, acionassem os travões. Mas obteve pouco resultado.

Segundo o relatório, o comboio ia ainda a cinquenta quilómetros por hora quando alcançou a linha interrompida. Incrivelmente, a locomotiva *saltou* o intervalo de doze metros e descarrilou do outro lado do hiato. Das sete carruagens de primeira classe, apenas uma se soltou e caiu a pique, destruindo-se no leito pantanoso do rio abaixo.

Dickens escreveu, mais tarde, sobre esses momentos, em cartas a amigos, mas sempre com discrição, tendo o cuidado de nunca mencionar, exceto a alguns íntimos, os nomes ou identidades das suas duas companheiras de viagem. Estou seguro de que sou a única pessoa a quem ele alguma vez contou a história completa.

«*Subitamente*», escreveu ele na sua versão epistolar dos acontecimentos mais amplamente difundida, «*descarrilámos, batendo no chão como aconteceria ao cesto de um balão meio esvaziado. A senhora mais*



velha... [aqui deve ler-se “Sra. Ternan”] ... gritou “Meu Deus!” A jovem que a acompanhava [esta é Ellen Ternan, claro] guinchou.

Agarrei-as a ambas... e disse: “Não podemos fazer nada, mas podemos ficar calmos e com compostura. Peço-vos que não gritem!”

A senhora mais velha respondeu de imediato: “Obrigada. Pode confiar em mim. Juro pela minha alma que ficarei calma.” Fomos então todos atirados para um canto da carruagem, e parámos.»

A carruagem ficou, realmente, muito inclinada para baixo e para a esquerda. Toda a bagagem e objetos soltos deslizaram para baixo e para a esquerda. Durante o resto da sua vida, Charles Dickens haveria de sofrer repetidos sobressaltos das sensações como se «tudo, todo o meu corpo, se inclinasse e caísse para baixo e para a esquerda».

Dickens continua a sua narrativa:

«Disse para as duas mulheres: “Podem estar certas de que nada pior acontecerá. O perigo deve ter terminado. Fica aqui, sem se mexerem, enquanto eu saio pela janela?”»

Dickens, ainda suficientemente ágil aos cinquenta e três anos, apesar do seu «pé queimado do frio» (como sofro de gota há muito tempo, o que me fez tomar láudano durante muitos anos, reconheço-a pelos sintomas e o «queimado do frio» de Dickens é gota quase de certeza), arrastou-se para fora, deu um salto complicado do degrau da carruagem para o leito da linha em cima da ponte, e deu conta de dois guardas a correr de um lado para o outro, aparentemente confusos.

Dickens escreve que agarrou e parou um deles, exigindo ao homem: «Olhe para mim! Pare por um momento e olhe para mim, e diga se me conhece ou não.»

«Conhecemo-lo muito bem, Sr. Dickens», relata ele que o guarda lhe respondeu imediatamente.

«Então, meu caro amigo», exclamou Dickens, quase com alegria (ao ser reconhecido numa tal ocasião, poderia ter alvitado uma alma comezinha como a de Clara Pitt Byrne), «por amor de Deus, dê-me a sua chave, e mande um dos trabalhadores vir até aqui, e eu esvaziarei esta carruagem.»

Então, diz Dickens nas cartas para os seus amigos, os guardas fizeram o que lhes fora pedido, os trabalhadores colocaram pranchas de madeira até à carruagem e depois o autor trepou de volta à carruagem inclinada e gatinhou ao longo dela para recuperar o seu chapéu alto e o frasco de brande.

Devo interromper aqui a descrição do nosso mútuo amigo apenas o tempo suficiente para dizer que, utilizando como guia os nomes constantes do relatório oficial dos caminhos-de-ferro, descobri mais tarde o

próprio guarda que Dickens relata ter parado e mobilizado para tão útil ação. O guarda — um certo Lester Smyth — tinha uma recordação algo diferente daqueles momentos.

«Estávamos a tentar descer para ajudar os feridos e moribundos quando esse janota, que se tinha esgueirado para fora da carruagem de primeira classe que oscilava, correu em direção a Paddy Beale e na minha, pálido e de olhos esgazeados, e gritou sem parar para nós: “Oh homem, você conhece-me!? Conheça-me!? Sabe quem eu *sou*??”

»Reconheço que respondi: “Não me interessa, mesmo que seja o Príncipe Alberto, amigo. Saia-me do caminho.” Não era desse modo que costumava falar com cavalheiros, mas aquele não era um dia normal».

De qualquer modo, Dickens ordenara realmente que alguns trabalhadores o auxiliassem a extrair Ellen e a Sra. Ternan, arrastara-se realmente de volta à carruagem para recuperar o frasco e o chapéu alto, enchera de facto o chapéu alto com água antes de descer a margem íngreme e todas as testemunhas concordam que Dickens meteu imediatamente mãos à obra entre os moribundos e os mortos.

Durantes os anos que durou, após Staplehurst, Dickens apenas diria sobre o que viu no leito daquele rio: «Foi inimaginável», e o que lá ouviu: «Ininteligível». Isto vindo do homem que todos concordavam ter maior imaginação, depois de Sir Walter Scott, do que qualquer outro escritor inglês.

Talvez o inimaginável começasse quando ele descia a margem íngreme. De repente, surgindo junto dele, estava um homem, alto e magro, que usava uma pesada capa preta mais adequada para uma noite na ópera do que numa viagem à tarde para Londres no comboio pendular. Ambos levavam consigo o respetivo chapéu alto numa mão ao mesmo tempo que se agarravam à margem com a mão livre para não se desequilibrarem. Esta figura, como Dickens depois ma descreveu num sussurro enrouquecido, ao longo dos dias que se seguiram ao acidente, quando a sua voz «não era já a minha», era escavada como a de um cadáver, escandalosamente pálida, e fitou o escritor com olhos escurecidos por uma sombra afundados sob uma testa pálida e alta que se prolongava num crânio pálido e calvo. Alguns fiapos de cabelo grisalho espetavam-se dos lados do seu rosto, que parecia uma caveira. A impressão de caveira foi reforçada, disse Dickens mais tarde, pelo pequeno nariz do homem quando visto de frente — «mais umas fendas negras que se abriam no rosto pálido e escavado do que um verdadeiro probóscide» foi como Dickens o descreveu — e pelos seus dentes pequenos, afilados e irregulares,



muito espaçados, implantados em gengivas tão pálidas que eram mais brancas que os próprios dentes.

O autor também notou que o homem não tinha dois dedos — ou quase não tinha — na mão direita, o mindinho e o anelar seu vizinho, bem como o dedo médio da sua mão esquerda. O que chamou a atenção de Dickens, em particular, foi o facto de os dedos não terem sido cortados na articulação, mas parecia terem sido decepados pelo osso, entre as articulações. «Como dois círios de cera branca que se tivessem parcialmente derretido», disse-me ele mais tarde.

Dickens ficou embaraçado quando ele e aquela estranha figura de capa negra lentamente desciam pelo íngreme talude, apoiando-se em arbustos e rochas.

— Sou Charles Dickens — arquejou o meu amigo.

— Sssim — disse o rosto pálido com as sibilantes a deslizarem-lhe por entre os dentes. — Eu sssei.

Aquilo embaraçou Dickens ainda mais.

— Como se chama o senhor? — perguntou ele quando escorregaram juntos pelo declive de pedras soltas.

— Drood — disse o homem. Pelo menos foi isto que Dickens pensou que o homem disse. A voz daquela figura pálida era indistinta e marcada pelo que poderia ter sido um sotaque estrangeiro. A palavra saiu-lhe como se tivesse dito «horror».

— Estava no comboio que ia para Londres? — perguntou Dickens à medida que se aproximavam do fundo da encosta íngreme.

— Para Limehouse — sibilou a forma pouco graciosa sob a capa escura. — Whitechapel. Ratcliff Crosss. Gin Alley. Three Foxesss Court. Butcher Row e Commercial Road. The Mint e outros pardieiros.

Dickens levantou os olhos bruscamente perante aquele estranho recital, dado que o comboio deles ia para a estação no centro de Londres e não para aqueles becos escuros da zona oriental. «Barracas» era o termo de calão usado para designar as mais miseráveis habitações da cidade. Mas, nessa altura, eles tinham chegado ao fundo da encosta e, sem articular outra palavra que fosse, aquele «Drood» afastou-se, parecendo deslizar por entre as sombras sob a ponte ferroviária. Poucos segundos depois, o homem da capa negra confundiu-se com a escuridão.

— Tens de compreender — sussurrar-me-ia Dickens depois, — não pensei nem por um segundo que aquela estranha aparição era a Morte que ia reclamar o que lhe pertencia. Nem qualquer outra personificação da tragédia que se desenrolava ainda. Isso seria demasiado banal, mesmo para a ficção menos importante do que a que eu crio. Mas reconheço, Wilkie — disse ele, — que me interroguei naquela altura se Drood pode-

ria ser um cangalheiro ido de Staplehurst ou de qualquer outro lugarejo das redondezas.

Agora sozinho, Dickens virou a sua atenção para a carnificina.

As composições do comboio que estavam no leito do rio e nas margens pantanosas adjacentes estavam irreconhecíveis como carruagens de comboio. Com exceção de eixos de ferro e rodas que assomavam aqui e ali, na água, em ângulos impossíveis, era como se uma série de cabanas de madeira tivesse sido atirada dos céus, talvez arremessadas por algum ciclone americano e feitas em bocados. E esses bocados pareciam ter sido, depois, arremessados e amassados de novo.

Pareceu a Dickens que ninguém poderia ter sobrevivido a um tal impacto, a uma tal destruição, mas os gritos de sofrimento dos vivos — pois, na verdade, os feridos eram em muito maior número do que os mortos — começaram a encher o vale. Aqueles gritos não eram, pensou ele na altura, sons humanos. Eram infinitamente piores que os gemidos e choros que ele ouvira quando visitou hospitais apinhados, como o East London Children's Hospital em Ratcliff Cross — que Drood acabara de mencionar — onde os indigentes e os sem-abrigo iam morrer. Não, estes gritos eram mais como se alguém tivesse aberto uma porta para o próprio Inferno e tivesse permitido aos danados gritarem uma última vez no mundo dos mortais.

Dickens observou um homem a cambalear na sua direção, com os braços abertos como para dar um abraço de boas-vindas. O topo do crânio do homem estava partido da maneira como se parte a casca de um ovo quando se prepara o pequeno-almoço. Dickens conseguia ver perfeitamente a polpa cinzenta e rosa a cintilar no interior do bojo côncavo do crânio despedaçado. O rosto do tipo estava coberto de sangue e as órbitas brancas dos seus olhos arregalavam-se por entre riachos carmesim.

Dickens não conseguiu pensar em mais nada do que oferecer ao homem o brande do seu frasco. A boca do frasco voltou vermelha dos lábios do homem. Dickens ajudou-o a deitar-se sobre as ervas e, depois, utilizou a água que estava no chapéu alto para lhe limpar o rosto.

— Como se chama o senhor? — perguntou Dickens.

O homem apenas disse «Fui-me», e morreu, os olhos brancos continuando arregalados nos seus charcos sangrentos em direção aos céus.

Uma sombra passou sobre eles. Dickens rodopiou — contou-me ele depois — convencido de que seria Drood, com a capa negra abrindo-se como as asas de um corvo. Mas era apenas uma nuvem que passava entre o Sol e o vale por onde corria o rio.

Dickens encheu de novo o chapéu com água do rio e dirigiu-se a uma mulher em cujo rosto cor de chumbo escorria sangue. Estava quase

nua, pois as suas roupas estavam reduzidas a uns quantos farrapos de tecido sangrento que oscilavam como ligaduras já velhas penduradas da sua carne desfeita. Não tinha o seio esquerdo. Recusou-se a parar para receber a assistência do escritor e parecia não o ouvir instar para que se sentasse e esperasse por socorro. Passou por Dickens com modos bruscos e desapareceu entre as poucas árvores que cresciam ao longo da margem.

Ajudou dois guardas espantados a extrair o corpo esmagado de uma outra mulher de uma carruagem aplastada, depositando o corpo suavemente na margem. Um homem arrastou-se pela corrente, gritando: «A minha mulher! A minha mulher!» Dickens levou-o até ao cadáver. O homem gritou, lançou as mãos à cabeça e correu loucamente para o terreno pantanoso junto ao rio, batendo e espadanando em redor, sem deixar de emitir sons que, disse Dickens depois, «eram como o bufar e o roncar mortais de um javali atingido nos pulmões por várias balas de grande calibre». Depois o homem desfaleceu, caindo no pântano mais como se tivesse sido atingido no coração do que nos pulmões.

Dickens regressou às carruagens e encontrou uma mulher encostada a uma árvore. Parecia ilesa, excetuando algum sangue no rosto, talvez provocado por uma pequena ferida no couro cabeludo.

— Vou buscar-lhe um pouco de água, minha senhora — disse ele.

— Seria muito simpático da sua parte, caro senhor — respondeu ela. Sorriu e Dickens vacilou. Ela perdera todos os dentes.

Foi até à corrente e, olhando para trás, viu uma figura que tomou por Drood — supor-se-ia que mais ninguém usaria tolamente uma pesada capa de ópera naquele dia quente de junho — a debruçar-se solícitamente sobre a mulher. Quando, alguns segundos depois, Dickens voltou com o chapéu alto cheio de água do rio, o homem de preto desaparecera e a mulher estava morta, mas mostrava ainda as gengivas despedaçadas e sangrentas, parodiando um sorriso final.

Ele voltou de novo às carruagens esmagadas. Entre os destroços de uma delas, um homem gemia debilmente. Mais gente deslizava pelo declive para ajudar. Dickens correu para ir buscar diversos guardas, com força, para ajudarem a tirar uma espécie de amálgama de vidro partido, veludo vermelho rasgado, ferro pesado e pedaços do chão de madeira do compartimento. Enquanto os guardas gemiam ao levantarem as pesadas molduras das janelas e o pavimento destruído, que era no que se tornara o tejadilho caído, Dickens apertou a mão do jovem e disse:

— Vou tirá-lo daqui, meu filho.

— Obrigado — arquejou o jovem cavalheiro ferido, que obviamente fora um dos ocupantes de uma das carruagens de primeira classe. — É muito simpático.

— Como se chama? — perguntou o nosso romancista enquanto levavam o jovem para a margem.

— Dickenson — disse o jovem.

Charles Dickens certificou-se de que o Sr. Dickenson era transportado até à linha férrea, junto da qual chegara mais gente, e depois regressou à carnificina. Andou de ferido em ferido, erguendo, consolando, aliviando a sede, tranquilizando, cobrindo por vezes a nudez com o primeiro trapo que encontrava, enquanto verificava cada amontoado de formas, confirmando que não pertencia já ao mundo dos vivos.

Alguns salvadores e companheiros de viagem pareciam tão ocupados quanto o nosso autor, mas muitos deles — disse-me Dickens depois — apenas conseguiam ficar a olhar, em estado de choque. As duas figuras que, nessa tarde terrível, tudo faziam por entre os destroços e os gemidos eram Dickens e a forma bizarra que disse chamar-se Drood, embora o homem de capa preta parecesse sempre estar demasiado longe do alcance da voz, sempre à beira de desaparecer de novo e sempre mais parecendo deslizar do que andar de carruagem destruída em carruagem destruída.

Dickens deparou-se com uma mulher grande, cujo tecido grosseiro e feitio do vestido mostravam que viera de uma das carruagens de classe mais baixa. Estava de barriga para baixo no pântano, com os braços debaixo do corpo. Ele virou-a para cima para se assegurar de que já não pertencia ao mundo dos vivos, quando subitamente os olhos se lhe arregalaram no rosto coberto de lama.

— Eu salvei-a! — arquejou ela. — Eu salvei-a *dele!*

Dickens demorou uns momentos a reparar na criança ferozmente agarrada entre os pesados braços da mulher gorda, com o pequeno rosto pálido fortemente pressionado contra os seios oscilantes da mulher. O bebé estava morto — afogado nas águas pouco profundas do pântano ou asfixiado pelo peso da mãe.

Dickens ouviu um chamamento sibilante e viu a forma pálida de Drood a acenar-lhe da rede de sombras, sob a ponte partida, e dirigiu-se a ele, mas encontrou primeiro uma carruagem desmantelada, virada ao contrário, onde o braço nu, mas bem delineado, de uma jovem sobressaía do que restava de uma janela. Os seus dedos mexiam, parecendo acenar para que Dickens se aproximasse.

Dickens acocorou-se e pegou nos dedos suaves entre as suas mãos.

— Estou aqui, minha querida — disse ele para a escuridão no interior da pequena abertura que fora uma janela apenas quinze minutos antes. Apertou-lhe a mão e ela retribuiu o aperto, como por gratidão pelo seu salvamento.

Dickens acocorou-se mas nada conseguia ver senão estofos rasgados, formas obscuras e sombras profundas dentro da minúscula caverna triangular formada pelos destroços. Não havia espaço suficiente para apertar os ombros e espreitar. A moldura superior da janela pressionava até quase ao terreno pantanoso. Ele mal conseguia ouvir a respiração rápida e aterrada da mulher ferida acima do murmúrio do rio que corria ali perto. Sem pensar na possibilidade de ser impróprio, acariciou-lhe o braço nu até tão longe quanto os destroços o permitiam. Havia cabelos muito finos e arruivados ao longo do seu pálido antebraço, que adquiriam uma cor acobreada à luz da tarde.

— Vêm aí os guardas e provavelmente um médico — disse Dickens pela abertura minúscula, sempre a apertar o braço e a mão. Não estava certo de que o cavalheiro que se aproximava, de fato castanho e com uma pasta de couro, fosse realmente um médico, mas esperou fervorosamente que fosse. Os quatro guardas, transportando machados e alavancas de ferro, aproximavam-se a correr e o cavalheiro de fato bufava para os conseguir acompanhar.

— Aqui! — gritou-lhes Dickens. Apertou a mão da mulher. Os seus dedos pálidos retribuíram o aperto, fechando e abrindo o primeiro dedo, ondulando e fechando-se de novo em volta dos seus dedos, tal como um recém-nascido agarraria instintiva mas tentativamente a mão do seu pai. Ela não disse nada, mas Dickens ouviu-a suspirar por entre as sombras. Quase pareceu um ruído de contentamento. Ele segurou-lhe a mão entre as suas e rezou para que ela não estivesse gravemente ferida.

— Aqui, por amor de Deus, depressa! — gritou Dickens. Os homens juntaram-se à sua volta. O homem pesado e de fato apresentou-se — era um médico de nome Morris — e Dickens recusou-se a renunciar quer ao seu lugar junto à janela destruída quer à mão da jovem quando os quatro homens começaram a erguer à força de alavanca a moldura da janela, partindo madeira e ferros por cima e para os lados para alargar o pequeníssimo espaço que fora de algum modo o abrigo e a salvação da mulher.

— Com cuidado agora! — gritou Dickens aos guardas. — Com muito cuidado, por favor! Não deixem cair nada. Cuidado com aquelas barras! — Agachando-se mais para falar para o espaço escuro, Dickens agarrou-lhe ferozmente a mão e sussurrou: — Já quase a temos, minha querida. Mais um minuto. Tenha coragem!

Houve um último aperto de resposta. Dickens sentia a gratidão que nele havia.

— Tem de se afastar por um minuto, caro senhor — disse o Dr. Morris. — Afaste-se apenas por um instante enquanto os rapazes fazem

força e levantam aqui e eu me inclino para ver se ela está ou não demasiado ferida para se mover. Apenas por um instante. É de cavalheiro.

Dickens bateu levemente na palma da mão da jovem com dedos relutantes em soltá-la, sentindo uma última pressão, de despedida, dos seus dedos finos, pálidos e cuidadosamente arranjados. Afastou mentalmente a sensação real, mas totalmente inapropriada, de haver algo de fisicamente excitante naquele contacto íntimo com uma mulher que não conhecera ainda e cujo rosto ainda não vira. Disse:

— Estará cá fora em segurança, connosco, num instante, minha querida — e soltou-lhe a mão. Depois recuou de gatas, deixando o caminho livre para os trabalhadores e sentindo a humidade do pântano ensopar-lhe as calças pelos joelhos.

— Agora — gritou o médico, ajoelhando no local onde Dickens estivera momentos antes. — Ponham os costados de serviço, rapazes!

Os quatro guardas corpulentos puseram literalmente os costados de serviço, primeiro levantando as alavancas e depois encostando-se contra a esfarrapada parede de pavimento caído, que agora se transformara numa pesada pirâmide de madeira. O cone de escuridão abriu-se um pouco por baixo deles. A luz do Sol iluminou os escombros. Arquejaram quando se retesaram para aguentarem os destroços e, depois, um dos homens arquejou de novo.

— Oh, meu Deus! — gritou alguém.

O médico pareceu dar um salto para trás como se tivesse tocado num arame eletrificado. Dickens abriu caminho para oferecer ajuda e por fim chegou ao local.

Não havia qualquer mulher, qualquer rapariga. Apenas um braço nu, decepado abaixo do ombro, jazia no pequeníssimo círculo aberto entre os destroços. O coto do osso parecia muito branco à luz filtrada da tarde.

Todos gritaram. Chegaram mais homens. Repetiram-se instruções. Os guardas usaram os machados e as alavancas de ferro para forçarem uma abertura, a princípio com cuidado e depois com um abandono terrível, quase intencionalmente destruidor. O resto do corpo da jovem não estava pura e simplesmente lá. Não havia corpos completos naquele monte de destroços, apenas farrapos desconstruídos de roupa rasgada e, aqui e ali, ao acaso, pequenos pedaços de carne e de osso lascado. Não havia sequer um farrapo do seu vestido que fosse identificável. Havia apenas o braço pálido que terminava nos dedos exangues, apertadamente fechados e agora imóveis.

Sem dizer mais nada, o Dr. Morris virou-se e afastou-se, juntando-se a outros resgatadores que esfuracavam em volta de outras vítimas.

Dickens pôs-se de pé, pestanejou, lambeu os lábios e alcançou o seu frasco de brande. Sabia a cobre. Percebeu que estava vazio e que ele estava a provar apenas o sangue deixado nele por alguma das vítimas a quem oferecera conforto. Olhou em volta à procura do chapéu alto e depois viu que o tinha na cabeça. A água do rio que estava dentro dele ensopara-lhe o cabelo e gotejava-lhe pelo colarinho.

Chegava mais gente para ajudar e mirones. Dickens achou que já não poderia ajudar mais. Lenta e desajeitadamente, escalou a margem íngreme até à linha férrea, onde as carruagens intactas estavam agora vazias.

Ellen e a Sra. Ternan estavam sentadas à sombra de uma pilha de travessas, bebendo calmamente água por chávenas de chá que alguém lhes levava.

Dickens fez o gesto de alcançar a mão enluvada de Ellen, mas não completou o movimento. Em vez disso, disse:

— Como está, minha cara?

Ellen sorriu, mas havia lágrimas nos seus olhos. Tocou no braço esquerdo numa zona mesmo abaixo do ombro e acima do seio esquerdo.

— Um pouco magoada, creio, mas bem. Obrigada, Sr. Dickens.

O romancista assentiu quase distraidamente, com os olhos em qualquer outra coisa. Depois virou-se, caminhou até à beira da ponte partida, saltou com a agilidade fácil dos distraídos para o degrau da oscilante carruagem de primeira classe, abriu caminho através de uma janela destruída como se ela fosse a ombreira de uma porta e arrastou-se por entre fiadas de assentos que se tinham transformado em divisórias na parede agora vertical do chão da carruagem. Toda a carruagem, ainda precariamente pendurada sobre o fundo do vale e ligada apenas por um engate à carruagem de segunda classe, que estava em cima, nos carris, oscilava ligeiramente como um pêndulo vibrante na caixa de um relógio de sala partido.

Anteriormente, antes mesmo de resgatar Ellen e a Sra. Ternan, ele levava para fora a sua pasta de couro, onde estava a maior parte do manuscrito do fascículo dezasseis de *Our Mutual Friend*, no qual ele estivera a trabalhar em França, mas agora lembrara-se de que os últimos dois capítulos estavam no sobretudo, que continuava no compartimento da bagagem, dobrado, sobre os lugares que tinham ocupado. Erguendo-se por trás da última fila da carruagem, que estalava e oscilava, com o rio dez metros abaixo refletindo raios de luz bruxuleante pelas janelas partidas, recuperou o sobretudo, tirou o manuscrito para se certificar de que estavam lá todas as páginas — estava ligeiramente manchado, mas intacto — e depois, ainda balançado por entre os assentos, meteu os papéis de novo no sobretudo.



Por mero acaso, Dickens olhou diretamente para baixo, através do vidro partido da porta da extremidade da carruagem. Lá muito em baixo, mesmo debaixo da composição do comboio, a pessoa que se auto-denominara Drood inclinava a cabeça toda para trás para olhar diretamente para Dickens, e por uma ilusão provocada pela luz, parecia estar *sobre* o rio e não *dentro* dele, sem aparentemente se preocupar com as muitas toneladas de madeira e ferro que oscilavam por cima de si. Os olhos pálidos do homem, incrustados nas suas órbitas fundas, pareciam não ter pálpebras.

Os lábios do homem separaram-se, a boca abriu-se e mexeu-se, a língua carnuda surgiu trémula entre os pequeníssimos dentes, soaram sons sibilantes, mas Dickens não conseguiu distinguir as palavras por entre os gemidos da carruagem oscilante e os gritos incessantes dos feridos, no vale que ficava por baixo.

— Ininteligível — murmurou Dickens. — Ininteligível.

De súbito, a carruagem de primeira classe balançou e descaiu, como se a preparar-se para cair. Dickens segurou-se com uma mão na parte de cima para não perder o equilíbrio. Quando a oscilação terminou e ele olhou de novo para baixo, Drood desaparecera. O escritor atirou o casaco com o manuscrito por sobre o ombro, trepou com esforço e saiu para a luz do dia.



## CAPÍTULO DOIS



**E**stava fora no dia em que o meu amigo teve o desastre em Staplehurst, por isso só passados três dias inteiros depois do acidente recebi uma mensagem do meu irmão mais novo, Charles, que casara com a filha mais velha de Dickens, Kate, a contar-me como o escritor roçara a morte. Apressei-me de imediato a ir a Gad's Hill Place.

Atrever-me-ia a presumir, meu Caro Leitor que reside no meu futuro póstumo, impossivelmente distante, que recorda Gad's Hill do *Henrique IV*, de Shakespeare. Recordar-se de Shakespeare, mesmo se o resto de nós, escrevinhadores, se tenha perdido nos nevoeiros da história, não é verdade? Gad's Hill é onde Falstaff planeia um roubo, mas é frustrado pelo Príncipe Hal e um amigo, que se disfarçam eles próprios de ladrões que querem roubar o ladrão; depois de o gordo Sir John fugir aterrado, ao recontar a história transforma Hal e o cúmplice em quatro rufiões, depois em oito, depois em dezasseis, e por aí fora. Existe uma Estalagem Falstaff muito perto da casa de Dickens e eu creio que o autor aprecia a relação da sua casa com Shakespeare tanto como aprecia a cerveja que lhe servem na estalagem, no fim dos seus longos passeios.

À medida que me aproximava da casa, numa carruagem, fui-me lembrando de que Gad's Hill Place tinha ainda um outro crédito nas emoções de Charles Dickens, que muito precedia a sua compra do local uma década antes, em 1855. Gad's Hill era em Chatham, uma povoação que se fundia com a cidade da Catedral de Rochester, a cerca de quarenta quilómetros de Londres, uma zona onde o escritor passara os dias mais felizes da sua infância e aonde ele regressava constantemente em adulto,

vagueando por ali como um fantasma inquieto em busca de um local onde por fim instalasse a sua assombração. A casa — Gad's Hill Place — fora apontada ao jovem Charles Dickens, com sete ou oito anos de idade, pelo seu pai, durante um dos seus incontáveis passeios; John Dickens dissera qualquer coisa como: «Se trabalhares com suficiente tenacidade, meu rapaz, e te aplicares, uma mansão como esta pode um dia ser tua.» Depois, no dia do quadragésimo terceiro aniversário desse rapaz, em fevereiro de 1855, Dickens levara alguns amigos a Chatham, numa das suas habituais assombrações sentimentais, e descobriu, com verdadeiro choque, que a mansão inalcançável da sua juventude estava à venda.

Dickens foi o primeiro a admitir que Gad's Hill Place não era tanto uma mansão mas sim uma casa de campo moderadamente confortável — na verdade, a antiga casa do escritor, Tavistock House, fora mais imponente — embora depois de comprar Gad's Hill Place, o escritor gastasse uma pequena fortuna a renová-la, modernizá-la, decorá-la, ajardiná-la e a expandi-la. Inicialmente, planeava usar o sonho de opulência do seu falecido pai como uma propriedade para arrendamento, depois começou a pensar nela como uma casa de campo ocasional, mas depois do amargo dissabor da sua separação de Catherine, primeiro arrendou Tavistock House e depois colocou à venda essa casa citadina, fazendo de Gad's Hill Place a sua primeira residência. (O seu hábito, porém, era ter diversos locais em Londres para residência ocasional — e por vezes secreta —, incluindo os alojamentos por cima do seu escritório na nossa revista *All the Year Round*.)

Dickens dissera ao seu amigo Wills quando comprou o local: «Costumava olhar para ela como uma mansão maravilhosa (e Deus sabe que não é) quando era ainda muito pequeno e estranho, com as primeiras sombras de todos os meus livros na cabeça.»

Quando a minha carruagem virou em Gravesend Road e subiu pela grande curva do caminho até ao edifício de três andares, de tijolo vermelho, pensei em como aquelas sombras tinham ganho substância para centenas de leitores e como Dickens, por sua vez, vivia agora dentro daquelas muito substanciais paredes que o seu incorrigível pai, um falhado tanto no domínio familiar como no financeiro, um dia apontara ao filho como a maior recompensa possível da ambição doméstica e profissional.

Uma criada abriu-me a porta e Georgina Hogarth, a cunhada de Dickens e agora a senhora da casa, saudou-me.

— Como está o Inimitável? — perguntei, utilizando a alcunha favorita com que o autor se nomeava a si próprio.

— Muito abalado, Sr. Collins, muito abalado — sussurrou Georgina, colocando um dedo sobre os lábios. O gabinete de trabalho de Dickens era à direita da entrada. As portas estavam fechadas, mas eu sabia pelas minhas muitas visitas e permanências em Gad's Hill que as portas do gabinete de trabalho do mestre estavam sempre fechadas, quer ele estivesse ou não a trabalhar. — O acidente perturbou-o tanto que teve de passar a primeira noite no seu apartamento, em Londres, com o Sr. Wills a dormir do lado de fora — continuou ela ainda no seu modo sussurrante. — Para o caso de o Sr. Wills ser necessário, compreende?

Eu assenti. Inicialmente contratado como assistente da revista de Dickens *Household Words*, o eminentemente prático e pouco imaginativo William Henry Wills — em vários aspetos o oposto do temperamental Dickens — tornara-se um dos amigos mais próximos e confidentes do famoso autor, distanciando-se de amigos tão antigos como John Forster.

— Hoje não está a trabalhar — sussurrou Georgina. — Vou ver se ele quer ser incomodado. — Aproximou-se das portas do gabinete com algum óbvio receio.

— Quem é? — ouviu-se dizer uma voz dentro do gabinete, quando Georgina bateu levemente na porta.

Digo «uma voz» pois não era a voz de Charles Dickens. A voz do romancista, como todos os que o conheciam sabiam havia muito, era baixa, rápida e ligeiramente enrolada, o que muitos confundiam com um cicio e que fazia com que o escritor, em compensação, articulasse com todo o cuidado as vogais e consoantes de tal modo que a rápida, mas muito cuidadosa e fluida, elocução por vezes parecesse pomposa àqueles que não o conheciam.

Aquela voz não era nada assim. Era o gorjeio aflautado de um velho.

— É o Sr. Collins — disse Georgina para a porta de carvalho.

— Diga-lhe para voltar para o seu quarto de doente — disse lá de dentro a voz estridente do velho.

Pestanejei quando ouvi aquilo. Desde que o meu irmão mais novo, Charles, casara com Kate Dickens, tinha crises de indigestão e sofria ocasionalmente de falta de saúde, mas — estava certo disso na altura — não era nada de grave. Dickens não pensava assim. O escritor opusera-se ao casamento, sentira que a sua filha favorita casara com Charles — ocasional ilustrador dos livros de Dickens — apenas para o irritar, e obviamente convencera-se de que o meu irmão estava a morrer. Ouvira recentemente, de fonte segura, que Dickens dissera a Wills que a saúde do meu querido irmão o tornava «absolutamente incapaz para qualquer função nesta vida», e mesmo que fosse verdade — que de todo não era —, era uma coisa extraordinariamente dura para se dizer.

— Não, é o Sr. Wilkie — disse Georgina através das portas, relanceando com apreensão sobre o ombro como se esperasse que eu não tivesse ouvido.

— Oh — silabou um gorjeio de velho. — Por que diabo não disse logo?

Ouvimos um vago som de arrastar e raspar e depois o rodar de uma chave na fechadura — o que era extraordinário em si mesmo, pois Dickens tinha o velho hábito de fechar o gabinete à chave quando *não estava* lá, mas nunca quando *estava* — e depois as portas abriram-se.

— Meu caro Wilkie, meu caro Wilkie — disse Dickens naquele estranho som estridente, abrindo os braços e agarrando-me depois por instantes o ombro direito com a sua mão esquerda, que depois retirou para a juntar à outra que já apertava entusiasticamente a minha. Dei conta de que olhava de relance para o relógio de corrente. — Obrigado, Georgina — acrescentou ele distraidamente ao mesmo tempo que fechava as portas atrás de nós, mas desta vez não as trancando. Foi à frente, abrindo caminho pelo gabinete escurecido.

O que era outra coisa estranha. Ao longo dos anos, de todas as vezes que visitara Dickens no seu *sanctum sanctorum*, nunca vira as cortinas corridas sobre as janelas projetadas em arco durante o dia. Agora estavam. A única luz provinha de uma lâmpada em cima da mesa, que estava no meio da sala; não havia qualquer lâmpada sobre a escrivaninha, que estava de frente para as três janelas, instalada no pequeno vão que elas criavam. Só alguns de nós tinham tido o privilégio de ver Dickens realmente no ato de criação, neste gabinete, mas todos os que o tiveram devem ter notado a pequena ironia que constituía o facto de Dickens estar invariavelmente de frente para as janelas que davam para o jardim e na direção de Gravesend Road, mas nunca *via* nada da cena que lhe estava defronte quando levantava os olhos da pena e do papel. O escritor estava perdido nos mundos da sua imaginação e efetivamente cego enquanto trabalhava, exceto quando olhava de relance para um espelho que estava ali perto, para ver as suas próprias expressões quando representava as caretas, os sorrisos arreganhados, o cenho franzido, as expressões de choque e outras reações caricaturais das suas personagens.

Dickens puxou-me mais para o interior da sala obscurecida, acenou na direção de uma cadeira junto da sua secretária e sentou-se na cadeira estofada onde trabalhava. Tirando as cortinas corridas, a sala tinha o aspeto que sempre tivera — tudo limpo e arrumado quase de um modo compulsivo (e sem traço de pó, apesar de Dickens nunca autorizar os criados a limpar o pó ou arrumar o seu gabinete de trabalho). Havia a escrivaninha com a superfície inclinada para escrever, a pequena

exibição de utensílios cuidadosamente dispostos, nunca desarrumados, ordenados como talismãs na parte plana da escrivaninha — um calendário, tinteiro, penas para escrever, um lápis, e junto dele uma borracha da Índia para apagar, com o aspeto de nunca ter sido usada, uma almofada para alfinetes, uma pequena estatueta de bronze representando um duelo entre dois sapos, um corta-papéis alinhado *daquela maneira*, uma folha dourada com um coelho estilizado. Estes eram os seus símbolos da sorte — os seus «pertences», como Dickens lhes chamava, algo, disse-me ele uma vez, «em que posso descansar os olhos nos intervalos da escrita» — e já não conseguia escrever sem eles em Gad's Hill da mesma maneira que não o podia fazer sem as suas penas de ganso.

Uma boa parte do gabinete de trabalho estava forrada de livros, incluindo prateleiras com falsos livros — a maior parte com títulos irónicos inventados por Dickens — que ele mandara fazer para Tavistock House e que estavam agora instaladas na parte de trás da porta, e as verdadeiras estantes embutidas que rodeavam a sala eram apenas quebradas pelas janelas e por uma bonita lareira azul-e-branca decorada com vinte azulejos de Delft.

O próprio Dickens parecia quase escandalosamente envelhecido naquela tarde de junho, com a sua calvície crescente, olhos afundados e as rugas e linhas do rosto sublinhadas pela luz crua da lâmpada a gás, sobre a mesa atrás de nós. Não parava de olhar para o relógio fechado.

— Que bom vê-lo, meu caro Wilkie — rouquejou Dickens.

— Disparate, disparate — disse eu. — Teria vindo mais cedo se não tivesse estado fora, como creio que o meu irmão o informou. A sua voz arranha, Charles.

— Estranha? — disse Dickens com o rápido clarão de um sorriso.

— Arranha.

Deu uma gargalhada que pareceu um latido. Havia muito poucas conversas com Charles Dickens que não incluíssem uma gargalhada. Nunca conheci um homem tão dado ao riso. Quase não havia momento ou contexto que fosse suficientemente sério para que este autor não encontrasse nele alguma frivolidade, como alguns de nós descobriram, para nosso embaraço, em funerais.

— *Estranha* é mais apropriado, arriscar-me-ia eu a dizer — disse Dickens naquele esquisito rouquejar de velho. — Trouxe, sem dar conta, a voz de qualquer outra pessoa daquele terrível desastre em Staplehurst. Desejo realmente que essa pessoa me devolva a minha voz e leve a sua de volta... não gosto nem um pouco deste tom de velho Micawber. Parece que estou a aplicar lixa simultaneamente nas cordas vocais e nas vogais.

— E o meu amigo não tem qualquer outro ferimento? — pergun-

tei eu, inclinando-me para diante e para o interior do círculo de luz da lâmpada.

Dickens descartou a pergunta com um aceno e voltou a sua atenção para o relógio de ouro, que agora tinha nas mãos. — Meu caro Wilkie, tive um sonho deveras assombroso ontem à noite.

— Oh? — disse eu, compreensivamente. Presumi que iria ouvir os seus pesadelos sobre o acidente em Staplehurst.

— Parecia quase como se estivesse a ler um livro que eu tivesse escrito no futuro — disse ele suavemente, continuando a rodar o relógio sem parar entre as mãos. O ouro refletiu a luz da única lâmpada. — Foi uma coisa terrível... tudo acerca de um homem que se hipnotizou a si próprio de tal forma que ele, ou um outro eu criado por sugestão hipnótica, podia realizar atos terríveis, ações indizíveis. Coisas egoístas, lúbricas e destrutivas, que o homem — no sonho, por uma qualquer razão, queria chamar-lhe Jasper — nunca faria conscientemente. E havia uma outra... criatura... de algum modo envolvida.

— Hipnotizar-se a si próprio — murmurei eu. — Isso não é possível, pois não? Reconheço-lhe maior envolvimento e treino na arte da influência magnética, meu caro Charles.

— Não faço a menor ideia. Nunca ouvi dizer que tivesse sido feito, mas isso não significa necessariamente que seja impossível — disse ele, levantando os olhos. — Alguma vez foi hipnotizado, Wilkie?

— Não — disse eu com uma risada suave. — Embora alguns tivessem tentado. — Não achei necessário acrescentar que o Professor John Elliotson, antigamente ligado ao University College Hospital, mentor e instrutor do próprio Dickens na arte do mesmerismo, concluía que não era possível fazer com que eu ficasse submetido à influência hipnótica. A minha vontade era, pura e simplesmente, demasiado forte.

— Vamos tentar — disse Dickens, pendurando o relógio pela corrente e começando a balançá-lo num movimento pendular.

— Charles — disse eu, rindo, mas sem estar a gostar, — mas para quê? Vim para ouvir os pormenores do seu terrível acidente, não para fazer jogos de salão com um relógio e...

— Faça-me a vontade, meu caro Wilkie — disse Dickens suavemente. — Você sabe que tenho tido algum sucesso a hipnotizar outras pessoas; contei-lhe, creio, a minha longa e bem-sucedida terapia hipnótica com a pobre *Madame* de la Rue, no continente.

Consegui apenas resmungar, sem me comprometer. Dickens falara a todos os seus amigos e conhecidos acerca da sua longa e obsessiva série de tratamentos com a «pobre» *Madame* de la Rue. O que ele não partilhou connosco, mas que era do conhecimento de todos os que privavam

com ele, era que as sessões com a senhora, casada e obviamente louca, e que ocorriam a horas extravagantes da noite bem como durante o dia, tinham feito com que a mulher de Dickens, Catherine, ficasse com tantos ciúmes que — talvez pela primeira vez na sua vida de casada — exigira a Dickens que acabasse com elas.

— Por favor, mantenha os seus olhos no relógio — disse Dickens enquanto fazia oscilar o disco de ouro de um lado para o outro na obscuridade da sala.

— Isto não vai funcionar, meu caro Charles.

— Você está a ficar muito sonolento, Wilkie... muito sonolento... É difícil manter os olhos abertos. Está com tanto sono como se tivesse acabado de tomar várias gotas de láudano.

Quase ri em voz alta perante isto. Tomara várias *dúzias* de gotas de láudano antes de ir a Gad's Hill, como fazia todas as manhãs. E estava atrasado para beber mais do meu frasco de prata.

— Está a ficar... muito... sonolento — zombiu Dickens.

Por alguns segundos tentei condescender, apenas para satisfazer o Inimitável. Era óbvio que procurava distrair-se dos terrores do seu recente acidente. Concentrei-me no relógio oscilante. Escutei o zumbido das palavras de Dickens. Na verdade, o calor pesado da sala fechada, a obscuridade, o brilho solitário do ouro a baloiçar de um lado para o outro, mas sobretudo a quantidade de láudano que tomara nessa manhã, atraíram-me — por um brevíssimo instante — a um brevíssimo estado de entorpecimento mental.

Se me tivesse permitido tal, poderia ter adormecido, mesmo que não fosse o transe hipnótico que Dickens teria adorado induzir em mim.

Em vez disso, afastei o entorpecimento antes de ele se instalar por completo e disse bruscamente:

— Peço desculpa, Charles. Isto pura e simplesmente não resulta comigo. A minha vontade é demasiado forte.

Dickens suspirou e afastou o relógio. Depois, deu alguns passos e abriu um pouco as cortinas. A luz do Sol fez com que piscássemos os olhos.

— É verdade — disse Dickens. — As vontades dos verdadeiros escritores são demasiado fortes para serem submetidas por artes hipnóticas.

Ri-me.

— Então, não faça da sua personagem Jasper — se alguma vez escrever um romance baseado no seu sonho — um escritor.

Dickens sorriu debilitadamente.

— Assim farei, meu caro Wilkie — disse ele, voltando para a sua cadeira.



— Como estão a Menina Ternan e a mãe? — perguntei eu.

Dickens não escondeu o cenho franzido. Mesmo comigo, qualquer discussão daquele aspeto muito pessoal e secreto da sua vida, por mais adequadamente contextualizado que estivesse na conversa e por mais que ele *precisasse* de falar dele a alguém, fazia-o sempre sentir-se desconfortável.

— A mãe da Menina Ternan escapou a qualquer outro dano que não fosse o estado de choque próprio de alguém da idade dela — rouquejou Dickens — mas a própria Menina Ternan sofreu de facto alguns ferimentos bastante sérios e o que o seu médico sugere é que se trata de uma ligeira fratura ou deslocação cervical na base do pescoço. É-lhe muito difícil rodar a cabeça sem lhe doer fortemente.

— Lamento muito ouvir isso — disse eu.

Dickens mais não disse sobre isto. Perguntou com suavidade:

— Quer ouvir os pormenores do acidente e do que aconteceu depois, meu caro Wilkie?

— Por favor, meu caro Charles. Por favor.

— Compreende que será a única pessoa a quem revelarei todos os pormenores deste evento?

— Ficarei honrado por ouvi-los — disse eu. — E pode confiar na minha discrição até à cova e para além dela.

Nesse momento Dickens realmente sorriu — aquele revelar súbito, seguro, maligno e de algum modo infantil de dentes manchados por entre os tufos de barba que deixara crescer para a minha peça *The Frozen Deep*, havia oito anos, e nunca mais cortara.

— A minha cova ou a sua, Wilkie? — perguntou ele.

Pestanejei de confusão ou embaraço por um instante.

— Ambas, garanto-lhe — disse eu, por fim.

Dickens assentiu e começou a contar com voz arranhada a história do acidente de Staplehurst.

— Meu Deus — murmurei quando Dickens terminou, quarenta minutos depois. E repeti: — Meu Deus.

— Exatamente — disse o romancista.

— Aquela desgraçada gente — disse eu com a voz quase tão arranhada como a de Dickens. — Aquela desgraçada gente.

— Inimaginável — repetiu Dickens. Nunca o ouvira dizer esta palavra, mas durante o relato, deve tê-la usado uma dúzia de vezes. — Lembrei-me de lhe contar que o pobre homem que extraímos daquele monte de escombros escuros verdadeiramente extraordinário — ele es-



tava entalado de cabeça para baixo, está a ver? — sangrava dos olhos, dos ouvidos, do nariz e da boca, enquanto procurávamos freneticamente a mulher dele? Parece que uns minutos antes do descarrilamento, este homem tinha trocado de lugar com um francês que não gostava de ir com a janela para baixo. Encontrámos o francês morto. A mulher do homem que sangrava também estava morta.

— Meu Deus — disse eu uma vez mais.

Dickens passou a mão pelos olhos como se para os proteger da luz. Quando voltou a levantar os olhos, lá estava aquela intensidade que confesso nunca ter visto nos olhos de outro ser humano. Como veremos nesta história verdadeira que estou a partilhar consigo, Caro Leitor, a vontade de Charles Dickens não podia ser negada.

— Que pensou da minha descrição da figura que a si próprio se chamou Drood? — inquiriu a voz arranhada de Dickens, de modo suave mas com grande intensidade.

— Bastante inacreditável — disse eu.

— Significa isso que não dá crédito à existência dele ou à minha descrição dele, meu caro Wilkie?

— Nada disso, nada disso — apressei-me eu a dizer. — Estou certo de que a sua aparência e comportamento eram exatamente como descreveu, Charles... Ninguém, vivo ou morto e enterrado com todas as honrarias literárias em Westminster Abbey, é melhor observador de características e fraquezas humanas individuais do que o meu amigo... mas o Sr. Drood é... inacreditável.

— Precisamente — disse Dickens. — E é, agora, nosso dever, meu caro Wilkie — seu e meu —, encontrá-lo.

— Encontrá-lo? — repeti eu estupidamente. — Mas em nome de quê deveríamos nós fazer isso?

— Há uma história no Sr. Drood que tem de ser desenterrada — sussurrou Dickens. — Se desculpar a tonalidade grave desta frase. O que estava o homem — se era homem — a fazer no comboio pendular àquela hora? Porque, quando questionado por mim, disse ele que ia para Whitechapel e para os pardieiros do East End? Que objetivo era o dele entre os mortos e os moribundos?

Não percebi.

— Que objetivo poderia ele ter tido, Charles? — perguntei eu. — Que outro que não igual ao seu — ajudar e consolar os vivos e localizar os mortos?

Dickens sorriu de novo, mas não havia calor nem jovialidade naquele sorriso.

— Havia alguma coisa sinistra a rondar por ali, meu caro Wilkie.

Estou certo disso. Várias vezes, como lhe contei, vi este Drood... se é esse o nome da criatura... a pairar junto de gente ferida, e quando depois fui assistir esses indivíduos, eles estavam mortos.

— Mas, Charles, também me contou como diversas pessoas que *você* assistiu também morreram quando voltou para as ajudar.

— Sim — arranhou Dickens naquela estranha voz, mergulhando o queixo entre os colarinhos. — Mas não os *ajudei* a passarem para o lado de lá.

Recostei-me, chocado.

— Meu Deus. Está a insinuar que essa figura envolta numa capa operática e de aspeto leproso, na verdade... *assassinou*... algumas das pobres vítimas de Staplehurst?

— Estou a insinuar que houve ali uma espécie qualquer de canibalismo, meu caro Wilkie.

— *Canibalismo!* — Perguntei-me, pela primeira vez, se o acidente não transtornara mentalmente o meu famoso amigo. Era verdade que durante o relato do acidente, ficara com sérias dúvidas sobre a descrição e até sobre a existência real deste «Drood» — o homem parecia mais uma personagem tirada de um romance sensacionalista do que uma qualquer realidade humana que pudesse encontrar-se no comboio pendular de Folkstone — mas eu atribuíra essa possibilidade de alucinação ao mesmo sentimento de choque e desorientação que roubara a Dickens a sua voz. Mas se Dickens estava a imaginar *canibalismo*, era bastante provável que o acidente o tivesse privado também da razão.

Ele sorria-me de novo e a intensidade do seu olhar era precisamente do tipo que fez tantos novos interlocutores acreditarem que Charles Dickens lhes podia ler a mente.

— Não, meu caro Wilkie, não perdi o juízo — disse ele suavemente. — O Sr. Drood era tão corpóreo como você ou eu e até mais estranho — de uma forma indefinível — do que eu descrevi. Se eu o tivesse concebido como uma personagem dos meus romances, não o teria descrito como o conheci na realidade — demasiadamente estranho, demasiadamente ameaçador, demasiadamente grotesco para a ficção, meu caro Wilkie. Mas na realidade, como bem sabe, essas figuras fantasmáticas *realmente* existem. Passamos por elas na rua. Encontramo-las durante passeios noturnos em Whitechapel ou noutras zonas de Londres. E muitas vezes as suas histórias são mais estranhas do que qualquer coisa que um mero romancista consiga imaginar.

Foi a minha vez de sorrir. Poucos eram os que alguma vez ouviram o Inimitável referir-se a si próprio como «mero romancista» e eu estava

bastante seguro de que ele não o fizera naquele momento. Ele estava a falar de outros «meros romancistas». De mim, talvez. Perguntei:

— Então que propõe que façamos para descobrir esse Sr. Drood, Charles? E que fazemos com o cavalheiro quando o tivermos localizado?

— Recorda-se de quando investigámos aquela casa assombrada? — perguntou o escritor.

Recordava-me. Alguns anos antes, Dickens — como chefe da nova revista, *All the Year Round*, que suplantara a antiga *Household Words* depois de uma questão com os editores — enredara-se em debates com vários espiritistas. Os anos de 1850 tinham constituído um período em cheio para coisas como mesas de pé-de-galo, sessões, hipnotismo — algumas delas eram coisas em que Dickens não só *realmente* acreditava, como era um ardente praticante — e outros fascínios como o das energias invisíveis. Na medida em que Dickens acreditava e confiava no mesmerismo, por vezes chamado magnetismo animal, e era tão supersticioso como eu sabia que ele profundamente era (acreditava sinceramente, por exemplo, que a sexta-feira era o seu dia de sorte), resolveu (como editor do seu novo jornal) arranjar uma briga com diversos espiritistas. Quando um dos seus adversários no debate, um espiritista chamado William Howitt, estava a dar pormenores sobre uma casa assombrada em Cheshunt, perto de Londres, para apoiar os seus argumentos, Dickens decidiu de imediato que nós — editores e gerentes de *All the Year Round* — devíamos organizar uma expedição para investigar as assombrações.

W. H. Wills e eu fomos à frente numa carruagem fechada, mas Dickens e um dos nossos colaboradores, John Hollingshead, andaram os vinte e seis quilómetros até à aldeia. Depois de algum trabalho em descobrir a casa em questão (por sorte, Dickens enviara connosco um repasto de peixe fresco, pois não confiava nos preços locais), encontrámos por fim uma *villa* que se dizia ficar na propriedade da suposta casa assombrada e passámos o resto da tarde e princípio da noite a interrogar a vizinhança, comerciantes das redondezas e até gente que passava por ali, mas, no final, decidimos que os «fantasmas» de Howitt consistiam em ratazanas e num criado chamado Frank, que gostava de caçar coelhos furtivamente a horas estranhas da noite.

Dickens fora corajoso o suficiente nessa saída, à luz do dia e na companhia de outros três homens, mas ouvira dizer que numa outra expedição de caça aos fantasmas, esta à noite e para investigar um monumento com reputação de estar assombrado, perto de Gad's Hill Place, o escritor levava os seus criados e uma arma carregada. Segundo o filho mais novo do autor, a quem a família chamava Plorn, o pai ficara bastan-

te nervoso e anunciara que «...se alguém pregar partidas e tiver cabeça, eu rebento com ela». E ouviram de facto lamentos e gemidos do outro mundo, «um ruído tremendo — um ruído humano — e, ao mesmo tempo, sobre-humano».

Verificou-se tratar-se de um carneiro asmático. Dickens conteve-se para não lhe rebentar a cabeça. Distribuiu grogue a toda a gente — criados e crianças por igual — quando regressaram a casa.

— Sabíamos onde era a casa assombrada — salientei eu a Dickens naquele dia de junho, no gabinete obscurecido. — Como encontramos o Sr. Drood? Onde procuramos, Charles?

De repente, a expressão e a atitude física de Dickens mudou. O rosto pareceu alongar-se e vincar-se e ficar ainda mais pálido. Os olhos arregalaram-se até parecer não ter pálpebras e o branco desses olhos brilhou à luz da lâmpada. A sua postura tornou-se a de um velho curvado, ou de um coveiro à espreita, ou de um desprezível urubu. A sua voz, que ainda arranhava, tornou-se alta, aflautada e marcada por um sibilar ciciado, ao mesmo tempo que os seus dedos longos e pálidos golpeavam o ar como os de um mágico obscuro.

— Para Limehousse — sibilou ele, representando a figura de Drood tal como a descrevera. — Whitechapel. Ratcliff Crosss. Gin Alley. Three Foxesss Court. Butcher Row e Commercial Road. The Mint e outros pardieiros.

Reconheço que fiquei com os cabelos da nuca em pé. Charles Dickens foi, enquanto rapaz, mesmo antes de começar a escrever, um imitador de tal ordem que o seu pai o levava aos bares para imitar pessoas do sítio que tinham encontrado ao longo das suas caminhadas. Naquele momento comecei a acreditar que havia realmente uma criatura chamada Drood.

— Quando? — perguntei eu.

— Cedo — sibilou Dickens, fazendo silvar o som inicial, mas sorrindo, voltando a ser ele próprio. — Fizemos já tantas excursões à Babilónia, meu caro Wilkie. Vimos a Grande Fornalha durante a noite.

Tínhamos visto. Sempre nos fascinara o baixo-ventre da nossa cidade. E «Babilónia» e «a Grande Fornalha» eram as expressões preferidas com que o autor designava os piores bairros de lata de Londres. Algumas das minhas aventuras noturnas com Dickens a essas vielas escuras e pardieiros, anos atrás, ainda me perturbavam os sonhos.

— Sou o homem de que precisas, meu caro Dickens — disse eu com entusiasmo. — Apresentar-me-ei ao serviço amanhã à noite, se isso te agradar.

Ele abanou a cabeça.

— Tenho de recuperar a minha voz, meu caro Wilkie. Estou com os últimos fascículos de *Our Mutual Friend* em atraso. Há outras coisas que se têm de ver nestes próximos dias, incluindo a recuperação do Paciente. Passa cá a noite? O seu quarto está preparado, como sempre.

— Ai de mim, não posso — disse eu. — Tenho de voltar para a cidade esta tarde. Há assuntos de negócios que têm de ser tratados. — Não disse a Dickens que aqueles «assuntos de negócios» consistiam, em primeiro lugar, na compra de mais láudano, uma substância sem a qual eu não podia passar, já mesmo nesse ano de 1865, nem um só dia que fosse.

— Muito bem — disse ele, levantando-se. — Pode fazer-me um grande favor, meu caro Wilkie.

— O que quer que seja, meu caro Dickens — disse eu. — Diga-me quais são as suas ordens, meu amigo.

Dickens olhou de relance para o relógio.

— É demasiado tarde para apanhar o próximo comboio de Gravesend, mas se Charley tirar a carroça puxada pelo pônei, conseguimos levá-lo até Higham a tempo de apanhar o expresso para Charing Cross Station.

— Vou para Charing Cross?

— Vai, meu caro Wilkie — disse ele, agarrando-me firmemente o ombro enquanto saíamos da obscuridade do seu gabinete de trabalho para a luz mais brilhante do átrio de entrada. — Digo-lhe porquê enquanto o acompanho à estação.

Georgina não veio até fora de casa connosco, mas o filho mais velho do Inimitável, Charley, viera passar alguns dias com o pai e foi enviado em busca da carruagem-cesto. O pátio fronteiro a Gad's Hill era tão limpo como tudo mais que o homem tinha sob o seu controlo: as flores favoritas de Dickens, gerânios vermelhos, plantados em impecável alinhamento; dois enormes cedros do Líbano, na orla do relvado bem aparado, que lançavam, agora, sombras ao longo da estrada, para leste.

Alguma coisa relacionada com gerânios alinhados, entre os quais caminhávamos, me incomodou. De facto, fizeram-me bater o coração com mais força e ficar com a pele gelada. Dei conta de que Dickens estivera a falar comigo.

— ...levei-o no comboio de emergência direto para o Charing Cross Hotel imediatamente após o acidente — estava ele a dizer. — Paguei a duas enfermeiras para ficarem com ele para que não estivesse sozinho de noite ou de dia. Ficar-lhe-ia muito grato se pudesse ir vê-lo esta noite, meu caro Wilkie, para lhe levar os meus cumprimentos e dizer-lhe

que, assim que estiver em condições de ir de novo à cidade — amanhã com toda a probabilidade —, irei eu próprio vê-lo. Se as enfermeiras lhe disserem que os ferimentos pioraram de alguma forma, far-me-á um favor pessoal se enviar um mensageiro a Gad's Hill com essa informação o mais depressa possível.

— Com certeza, Charles — disse eu. Percebi vagamente que ele devia ter estado a falar de um jovem que ele ajudara a libertar dos destroços, em Staplehurst, e que depois fora pessoalmente instalar no hotel, em Charing Cross. Um jovem chamado Dickenson. Edmond ou Edward Dickenson, pareceu lembrar-me. Uma coincidência bastante extraordinária, quando se pensa nisso.

À medida que descíamos pelo caminho e nos afastávamos dos gerânios escarlates, o sentimento de pânico abandonou-me tão rápida e curiosamente quanto chegara.

A carroça era pequena, mas Dickens insistiu em ficar espremido lá dentro com Charley e comigo, enquanto o jovem instigava o pônei para Gravesend e depois para Rochester Road em direção a Higham Station. Tínhamos tempo suficiente.

Inicialmente, Dickens estava à-vontade, conversando comigo sobre os pequenos pormenores da edição de *All the Year Round*, mas à medida que o pônei e a carroça ganharam velocidade, rodando entre as carruagens que iam na estrada — com a Higham Station quase à vista —, vi o rosto do escritor, ainda bronzeado pela estada em França, empalidecer e depois ganhar uma cor de chumbo. Gotas de suor surgiram-lhe nas têmporas e nas faces.

— Por favor, vai um pouco mais devagar, Charley. E para de balançar a carroça de um lado para o outro. É muito perturbador.

— Sim, pai. — Charley puxou as rédeas até fazer o pônei deixar o trote.

Vi os lábios de Dickens tornarem-se cada vez mais finos até não parecerem mais do que um traço exangue.

— Mais devagar, Charley. Por amor de Deus, menos velocidade.

— Sim, pai. — Charley, que estava na casa dos vinte, pareceu tão apreensivo quanto um miúdo quando olhou para o pai, que se agarrava agora com toda a força ao lado da carruagem-cesto com ambas as mãos e se inclinava sem necessidade para a sua direita.

— Mais devagar, por favor! — gritou Dickens. A carroça ia agora a passo lento e não àquela velocidade regular de seis ou sete quilómetros por hora que Dickens conseguia manter — e fazia-o — ao longo de vinte, vinte e cinco ou trinta quilómetros por dia.

— Assim vamos perder o comboio... — começou Charley a dizer,

olhando para os distantes campanário e depósito da água à sua frente e depois de novo para o relógio.

— Para! Deixa-me sair — ordenou Dickens. O seu rosto estava agora tão cor de cinza como a cauda do pónei. Cambaleou para fora da carroça e deu-me um rápido aperto de mão. — Volto para trás a pé. Está um dia ótimo para andar. Faça boa viagem e, por favor, comunique comigo esta noite se o jovem Sr. Dickenson precisar de qualquer coisa.

— Assim farei, Charles. E vemo-nos outra vez em breve.

Na última visão que tive de Dickens, de costas, pareceu-me um homem muito mais velho, já não deslizando com a sua confiante e extraordinária passada habitual, mas quase tateando o caminho junto à berma da estrada, pesadamente curvado sobre a sua bengala enquanto fazia o caminho de regresso a Gad's Hill.

## CAPÍTULO TRÊS



**C**anibalismo. Enquanto viajava no comboio para Charing Cross Station, pensei nessa realidade estranha e bárbara — canibalismo — e como ela já afetara a vida de Charles Dickens. (Não fazia ideia nesse momento de como iria afetar a minha — em breve e de forma terrível.)

Sempre houvera qualquer coisa, na maneira de ser de Dickens, que reagia de um modo particularmente forte à ideia de canibalismo e de ser, de algum modo, consumido. Durante o período da sua separação pública de Catherine e o escândalo que ele fizera o possível para publicitar e tornar presente — embora nunca reconhecesse esse facto —, o escritor dissera-me mais de uma vez:

— Eles estão a comer-me vivo, Wilkie. Os meu inimigos, os Hogarth, e o público mal informado que deseja acreditar no pior estão a devorar-me membro por membro.

Muitas tinham sido as ocasiões, ao longo da década anterior, em que Dickens me convidou para o acompanhar em viagens ao Jardim Zoológico de Londres — um lugar onde ele sempre tivera o gosto de ir —, mas por muito que ele gostasse da família dos hipopótamos, das aves e do recinto dos leões, era a hora da alimentação na casa dos répteis que constituía o objetivo central e o destino da sua visita. Dickens não a perdia e apressava-me para que nunca chegasse tarde. Davam aos répteis, mais especificamente às serpentes, uma dieta de ratos e ratazanas e o espetáculo parecia hipnotizar Dickens (que, sendo hipnotizador ele próprio, recusava em absoluto permitir que alguém o hipnotizasse a ele).



Ficava petrificado. Por diversas vezes — em viagem conjunta a qualquer lado, à espera que uma peça começasse, até mesmo sentados na sua sala de estar —, Dickens recordava-me de como, frequentemente, duas serpentes começavam a devorar a mesma ratazana exatamente ao mesmo tempo até a cabeça e a cauda e os quartos traseiros do roedor ficarem invisíveis nas suas gargantas, ao mesmo tempo que a ratazana desesperada estava ainda viva, com as pernas da frente e de trás a agitarem-se no ar à medida que as poderosas mandíbulas avançavam sobre ela.

Apenas uns meses antes do acidente de Staplehurst, Dickens confidenciara-me que via as pernas dos móveis da sua casa — da banheira, da mesa em serpentina e das cadeiras de várias salas, até os cordões pesados das cortinas — como serpentes que lentamente consumiam o tampo das mesas, os cortinados e a banheira.

— Quando não estou a olhar, a casa devora-se a si mesma, meu caro Wilkie — disse-me ele enquanto tomávamos o ponche de rum. Contou-me também que, frequentemente, durante um banquete — mais frequentemente num banquete em sua honra —, olhava para a longa mesa e via os seus pares, amigos e colegas a encher a boca de carne de vitela, ou de borrego ou galinha, e por um momento, apenas por um único terrível segundo, imaginava que os utensílios que erguiam até à boca eram apêndices que se contorciam. Não de ratos ou ratazanas, disse ele, mas de homens. Disse que achava aquela ilusão frequente... inquietante.

Mas foi o verdadeiro canibalismo — ou pelo menos os rumores sobre ele — que mudou o curso da vida de Charles Dickens há onze anos.

Em outubro de 1854, toda a Inglaterra estava chocada com a leitura do relatório do Dr. John Rae sobre o que descobrira durante a busca da desaparecida Expedição Franklin.

Se nunca ouviu falar da Expedição Franklin, Caro Leitor dos séculos futuros, preciso apenas de lhe dizer que foi uma tentativa, levada a cabo por *Sir* John Franklin e outros 129 homens, em 1845, de explorar a parte mais a norte do Ártico em dois navios fornecidos pelo Discovery Service da Marinha Real — o HMS *Erebus* e o HMS *Terror*. Largaram pano em maio de 1845. As suas ordens eram de, em primeiro lugar, forçar a Passagem de Noroeste que liga o Atlântico e o Pacífico a norte da nossa colónia do Canadá — a Inglaterra sempre sonhou com novas rotas comerciais, mais curtas, para o Extremo Oriente — e Franklin, um homem já de alguma idade, era um explorador experimentado. Existiam todas as possibilidades de êxito. Os dois navios foram vistos pela última vez em Baffin Bay no final do verão de 1845. Depois de três ou quatro anos sem notícias da expedição, até a Marinha Real ficou preocupada e

foram organizadas várias expedições de salvamento. Mas os dois navios, até hoje, não foram encontrados.

Quer o Parlamento quer *Lady* Franklin ofereceram enormes recompensas. Grupos de busca, não só britânicos, mas também da América e de outras nações, cruzaram o Ártico à procura de Franklin e dos seus homens. Ou, no mínimo, de algum indício do seu destino. *Lady* Franklin falava francamente da sua crença de que o marido e as tripulações ainda estavam vivos, e ninguém no governo ou na Marinha desejava contradizê-la, mesmo se muitos ingleses tinham já deixado de ter esperança.

O Dr. John Rae era um funcionário da Hudson Bay Company que fora para norte por terra e passara diversos anos a explorar remotas ilhas do Norte (que consistiam, diz-se, em pouco mais do que cascalho gelado e neve que caía sem fim) e vastas porções do oceano gelado no qual o *Erebus* e o *Terror* tinham desaparecido. Ao invés da Marinha Real ou da maioria dos que andavam nas buscas, Rae vivera entre os vários selvagens esquimós da região, aprendera as suas línguas rudimentares, e — no seu relatório — cita testemunhos de muitos deles. Trouxe, também, no seu regresso a Inglaterra, diversos artefactos — botões de metal, barretes, pratos de navio com o símbolo de *Sir* John, instrumentos de escrita — que tinham pertencido a Franklin ou aos seus homens. Por fim, Rae descobrira restos humanos, tanto em campas à superfície como enterrados bem fundo, incluindo dois esqueletos ainda sentados num dos escaleres do navio, atado a um trenó.

O que chocou a Inglaterra, para além desta horrível prova do destino provável de Franklin, foi que, segundo os esquimós que Rae entrevistara, Franklin e os seus homens não só tinham morrido, mas tinham recorrido ao canibalismo durante os dias finais. Os selvagens contaram a Rae que tinham encontrado acampamentos de brancos onde havia ossos roídos, pilhas de membros cortados e até botas altas com os ossos dos pés e das pernas ainda dentro delas.

Isto horrorizou *Lady* Franklin, claro, que rejeitou o relato na sua totalidade (chegando a contratar outro navio, às custas da sua diminuída fortuna, para retomar a busca do seu marido). Dickens também estava estarrecido — e fascinado — pela ideia.

Começou a publicar artigos sobre a tragédia, na altura, no seu jornal *Household Words*, bem como noutras revistas. A princípio tinha simples dúvidas, declarando que o relato era «apressado... na afirmação de que eles tinham comido os cadáveres dos seus companheiros.» Dickens contou-nos que consultara uma «selva de livros» — embora não citasse qualquer fonte concreta — para provar que «as probabilidades eram

*todas contra a pobre gente de Franklin ter sonhado comer os corpos dos companheiros.»*

À medida que o resto da nação começou a acreditar no relatório de Rae (ele reclamou, de facto, a recompensa do governo pela prova conclusiva da sorte de Franklin) ou a esquecer, a negação de Dickens transformou-se em séria raiva. Lançou, no *Household Words*, um ataque contundente contra os «selvagens» — a sua expressão para designar todos os que não eram brancos, neste caso os esquimós conspiradores, mentirosos e não fidedignos com os quais John Rae vivera e conversara. Dickens era, no nosso tempo, claro, considerado um liberal radical, mas essas credenciais não eram questionadas quando falava pela maioria dos ingleses e escreveu: «...acreditamos que todos os selvagens são, no íntimo, ambiciosos, traiçoeiros e cruéis». Era pura e simplesmente impossível, argumentava, que qualquer dos homens de *Sir John Franklin* tivesse «prolongado a existência através do horrível expediente de comer os corpos dos companheiros mortos».

Depois, o nosso amigo fez uma coisa muito estranha. Da «selva de livros» que consultara para apoiar a sua opinião, escolheu as *Mil e Uma Noites* — um dos livros mais importantes da sua infância, como me disse várias vezes — para fazer valer o seu argumento. Escreveu no sumário: «Em todo o largo ciclo das *Mil e Uma Noites*, está reservado apenas a mortos-vivos, a negros gigantescos com um olho só, a monstros de vulto enorme como uma torre e aspeto horrível, a animais sórdidos que espreitam à beira-mar...» recorrer à carne humana, ao canibalismo.

Ali estava. *Quod erat demonstrandum.*

Foi em 1856 que Dickens levou a sua campanha contra a possibilidade de canibalismo entre os nobres homens de *Sir John Franklin* a um novo nível... o qual me envolveria intimamente.

Durante as nossas estadas em França — nessas viagens, Dickens chamava-me o seu «amigo perverso» e ao tempo passado em Paris «as nossas expedições perigosas» (embora, ao mesmo tempo que desfrutava da vida noturna e das conversas ocasionais com jovens atrizes, o escritor nunca tirasse proveito das mulheres da noite, como eu fazia) —, surgiu-lhe a ideia de que eu escrevesse uma peça para ser representada em Tavistock House. Tinha de ser, especificamente, uma peça sobre uma expedição perdida no Ártico, como a de Franklin, na qual os Ingleses mostrassem coragem e valor. Tinha também de ser, explicou ele, uma história sobre amor e sacrifício.

— Porque não a escreve você, Charles? — foi a minha resposta óbvia.

Bom, pura e simplesmente não podia. Estava a começar a trabalhar em *Little Dorrit*, fazendo leituras, fazendo sair a sua revista... eu é que escreveria. Sugeri o título *The Frozen Deep*, uma vez que a peça não seria apenas acerca do inóspito território do Norte, mas também sobre as profundezas secretas do coração e da alma humanos. Dickens disse que me ajudaria no cenário e «faria o trabalho editorial menos importante», o que eu imediatamente compreendi que significava que a peça seria dele e eu seria apenas um mecanismo para colocar palavras no papel.

Concordei em fazê-lo.

Começámos a trabalhar nela em Paris — ou melhor, *eu* comecei a trabalhar nela, enquanto Dickens esvoaçava entre jantares com amigos, banquetes e outras ocasiões sociais — e pelo final desse verão quente de 1856, estávamos ambos em sua casa, em Londres. Os nossos hábitos, de escritor ou outros, nem sempre ligavam. Em França, eu divertia-me no Casino até às primeiras horas da manhã e Dickens insistia em tomar o pequeno-almoço entre as oito e as nove. Houve mais do que uma ocasião em que tive de tomar um pequeno-almoço só de pasta de fígado por volta do meio-dia. De igual modo, tanto em Tavistock House como em Gad's Hill, as horas de trabalho de Dickens eram entre as nove da manhã e as duas ou três da tarde, e esperava-se que *toda* a gente em sua casa, familiares ou hóspedes, estivessem igualmente ocupados durante esse tempo. Vi as filhas de Dickens ou Georgina fingirem estar a ler provas enquanto Dickens estava fechado no seu gabinete. Nessa altura — foi antes de o segundo Wilkie Collins ter começado a lutar comigo pela escritaninha e pelos instrumentos — preferia trabalhar à noite, até tarde, pelo que muitas vezes tinha de encontrar um canto na biblioteca da casa de Dickens onde pudesse fumar um charuto ou dormir em sossego, durante o dia. E Dickens, não raramente, emergia inesperadamente do seu gabinete para me enxotar do meu esconderijo e ordenar-me que voltasse ao trabalho.

O meu trabalho — o nosso trabalho — na peça continuou pelo outono desse ano. Eu concebera uma personagem principal (a ser desempenhada por Dickens, claro) chamada Richard Wardour — uma espécie de combinação de tudo o que era sabido sobre o indomável *Sir* John Franklin e o seu lugar-tenente, um tipo irlandês bastante vulgar chamado Francis Crozier — e a minha ideia era que a personagem de Wardour fosse mais velha, talvez não muito competente (afinal, os homens da Expedição Franklin tinham, aparentemente, morrido todos) e um pouco demente. Talvez com alguma coisa de vilão.

Dickens reescreveu por completo esta ideia, transformando Ri-

chard Wardour numa personagem jovem, inteligente, complexa, irada, mas — no final — totalmente capaz de autossacrifício. «*Perpetuamente à procura de verdadeiro afeto, mas sem nunca o encontrar*», foi a expressão usada por Dickens nas suas abundantes notas sobre a recriação da personagem. Escreveu, ele próprio, muitos dos monólogos da personagem e, na verdade, manteve-os guardados para si próprio até aos nossos ensaios finais (sim, eu era um dos atores principais da produção amadora). Quando estava de visita à casa de Dickens, ou ficava lá, via Dickens começar ou terminar as suas caminhadas de trinta quilómetros pelos campos de Finchley e Neasden, ensaiando os monólogos de Wardour em voz tonitruante — «*Jovem, de rosto belo e triste, de olhos benevolentes e meigos, de voz suave e clara. Jovem, amorosa e terna. Guardo o seu rosto na minha mente, embora não possa guardar mais nada. Tenho de vaguear, vaguear, vaguear — inquieto, sem dormir e sem onde me abrigar — até a encontrar!*»

Em retrospectiva, é fácil ver a verdade e a profundidade destes sentimentos em Charles Dickens, nesse ano em que o seu casamento estava a terminar (e a terminar pela sua própria escolha). O escritor passara toda a sua vida à espera e à procura desse rosto belo e triste, de olhos benevolentes e meigos e voz suave e clara. Para Dickens, a sua imaginação era sempre mais real do que a realidade da vida quotidiana, e ele imaginara esta mulher sincera, virginal, atenta, jovem, bela (e benevolente) desde a juventude.

A minha peça estreou na Tavistock House, de Dickens, a 6 de janeiro de 1857 — Noite de Reis, que Dickens sempre celebrara com um programa especial, e dia do vigésimo aniversário do seu filho Charley. O autor dera-se a grandes trabalhos para tornar a experiência tão profissional quanto possível: tendo carpinteiros que transformassem a sala de aulas de sua casa num teatro em que coubessem mais de cinquenta pessoas, confortavelmente; arrancando um pequeno palco que já ali existia e substituindo-o por um grande, nas janelas projetadas em arco; mandando compor uma banda sonora para a peça e contratando uma orquestra para a tocar; contratando técnicos para desenhar e pintar os elaborados cenários; gastando uma pequena fortuna no guarda-roupa — mais tarde vangloriou-se de que nós, «os exploradores polares» da produção poderíamos ir diretamente de Londres para o Polo Norte com o genuíno equipamento polar que usávamos; e, por fim, supervisionando ele próprio a iluminação a gás ao mesmo tempo que imaginava efeitos de luz que pudessem simular cada hora do estranho dia polar, cada entardecer, cada noite iluminada do Ártico.

O próprio Dickens deu um estranho, intenso, discreto mas pode-

roso realismo ao seu papel fundamentalmente melodramático. Numa cena, na qual vários de nós tentavam impedir «Wardour» de fugir do palco, angustiado, o autor avisou-nos de que tencionava «lutar com sinceridade» e que teríamos de utilizar todos os nossos recursos para o deter. Isto, como se viu, foi dizer pouco. Vários de nós ficaram feridos e esmurrados mesmo antes de terminarem os ensaios. O seu filho Charley escreveu depois ao meu irmão: «Ele tratou do assunto com tanto empenho que tivemos realmente de lutar, como competidores, e, por mim, como chefe do grupo atacante e tendo de aguentar o peso da refrega, fui atirado em todas as direções e fiquei com nódoas negras por duas ou três vezes antes de chegar a noite da atuação.»

Na noite da estreia, o nosso comum amigo John Forster leu o prólogo que Dickens escrevera à última hora, tentando, como tão frequentemente fazia nos seus livros, ser compreendido por todos quando comparava as profundezas ocultas do coração humano às profundezas terríveis e geladas do Ártico Norte:

*That the secrets of the vast Profound  
Within us, an exploring hand may sound,  
Testing the region of the ice-bound soul,  
Seeking the passage at its northern pole,  
Soft'ning the horrors of its wintry deep,  
Melting the surface of that «Frozen Deep»<sup>1</sup>*

O comboio chegara a Londres, mas não continuei até Charing Cross. Ainda não.

A maldição da minha vida era — é e sempre será — o reumatismo gotoso. Por vezes é na perna. Muitas vezes muda para a cabeça, frequentemente se alojando como um espigão escaldante por trás do olho direito. Lido com esta dor constante (e ela é constante) pela força da personalidade. E pelo ópio tomado na forma de láudano.

Naquele dia, antes de continuar a fazer o recado de que Dickens me encarregara, tomei um táxi na estação — estava demasiadamente desconfortável para andar — até à farmácia da esquina da rua da minha casa. O droguista (tal como outros na cidade e noutros sítios) sabia da

---

<sup>1</sup> Que os segredos da vastidão Profunda/ Dentro de nós, mão exploradora possam parecer,/ Pondo à prova a região da alma ao gelo sujeita,/ Procurando do polo a passagem mais a norte,/ Suavizando os horrores da sua funda invernia/ Fundindo a superfície desse «Abismo Glacial». [N. do T.]

minha batalha com esta dor e vendia-me medicamentos paliativos em quantidades geralmente reservadas para os médicos, ou — para ser mais específico — vendia-me láudano em frascos.

Atrever-me-ia a supor, Caro Leitor, que o láudano ainda se usa nos seus dias (a menos que a ciência médica tenha inventado um medicamento comum ainda mais eficaz), mas no caso de não se usar, deixe-me descrever-lhe a droga.

O láudano é simplesmente tintura de ópio destilado em álcool. Antes de começar a comprá-lo em grandes quantidades, usava apenas — seguindo o conselho do meu médico e amigo Frank Beard — quatro gotas de ópio num copo, ou meio, de vinho tinto. Depois passou a oito gotas. E depois a oito ou dez gotas com vinho duas vezes por dia. Por fim, descobri que láudano previamente misturado, com ópio e álcool em partes iguais, ao que parece, era mais eficaz para dores muito insuportáveis. Nos últimos meses, adquiri o hábito, para toda a vida, de ingerir láudano puro por um copo ou do próprio frasco. Confesso que, quando um dia bebi um copo assim cheio em casa, diante do famoso cirurgião *Sir William Ferguson* — uma pessoa de quem seguramente pensei que compreenderia a necessidade de o fazer —, o médico exclamou que uma tal quantidade tomada de uma vez poderia ter e teria matado qualquer pessoa à mesa. (Tinha, nessa noite, oito homens e uma mulher como visitas.) Depois desse incidente, mantive a dose do remédio, sobre a qual partilho o segredo, mas não o do meu uso generalizado da droga abençoada.

Compreenda, por favor, Caro Leitor do meu futuro póstumo, que no tempo em que vivo toda a gente usa láudano. Ou quase toda a gente. O meu pai, que desconfiava de todos os medicamentos, consumiu nos seus últimos dias enormes quantidades de *Battley's Drops*, uma forma de ópio extremamente forte. (E estou certo de que as dores do meu reumatismo gotoso têm sido pelo menos iguais, senão piores, que as dores que ele teve no leito de morte.) Recordo o poeta Coleridge, um amigo próximo dos meus pais, a chorar, em nossa casa, devido à sua dependência do ópio e recordo os avisos que a minha mãe lhe fazia. Mas também, como recordei aos poucos amigos que tiveram a falta de educação de censurarem a minha própria dependência deste importante remédio, *Sir Walter Scott* usou grandes quantidades de láudano enquanto escrevia *The Bride of Lammermoor*, enquanto contemporâneos meus e de Dickens, como o nosso amigo Bulwer-Lytton e De Quincey, usaram maiores quantidades do que eu.

Nessa tarde regressei a minha casa — uma das minhas duas casas — no número 9 de Melcombe Place, nas imediações de Dorset Square,



sabendo que Caroline e a sua filha, Harriet, estariam fora, e escondi o novo frasco de láudano, não sem antes beber dois copos cheios.

Ao fim de alguns minutos, readquiri o meu verdadeiro eu... ou o mais perto do meu verdadeiro eu que conseguia estar enquanto as dores do reumatismo gotoso ainda chocavam com as janelas e arranhavam a porta do meu eu corpóreo. Pelo menos, as dores que constituíam o ruído de fundo tinham diminuído o suficiente com o opiado de modo a que pudesse concentrar-me de novo.

Apanhei uma carruagem para Charing Cross.

*The Frozen Deep* foi um grande êxito.

O primeiro ato passava-se em Devon, onde a bela Clara Burnham — papel desempenhado pela mais atraente filha de Dickens, Mary (conhecida pelo nome de Mamie) — é assaltada por receios pelo seu impetuoso noivo, Frank Aldersley (desempenhado por mim, nos primeiros tempos da minha atual barba). Aldersley partira numa expedição polar, enviada, tal como a expedição verdadeira de *Sir John Franklin* fora, para forçar a Passagem de Noroeste, e ambos os navios — o HMS *Wanderer* e o HMS *Sea-mew* — não eram avistados havia mais de dois anos. Clara sabe que o comandante da expedição é o Capitão Richard Wardour, cuja proposta de casamento Clara rejeitara. Wardour não conhece a identidade do rival que lhe sucedeu no amor de Clara, mas jurara matá-lo quando o visse. A minha personagem, Frank Aldersley, por sua vez, ignora completamente o amor de Richard Wardour pela sua noiva.

Sabendo que os dois navios estão quase certamente presos algures no gelo do Ártico, Clara angustia-se ao pensar que algum acidente possa revelar, um ao outro, as identidades dos dois amantes. Então, a pobre Clara está não só aterrada pelo que o Ártico, o seu clima, os seus monstros e os seus selvagens, possam fazer ao seu amado, mas está ainda mais aterrada pelo que Richard Wardour possa fazer ao seu querido Frank, no caso de descobrir a verdade.

As angústias de Clara não se dissipam quando a sua enfermeira, Esther, que tinha o dom da vidência, lhe conta a sua visão sangrenta ao pôr-do-sol carmim do Devon. (Como referi anteriormente, Dickens deu-se a um grande trabalho para criar efeitos de luz, no seu pequeno teatro de Tavistock House, que representassem a luz nas várias horas do dia.)

— Vejo o cordeiro ao alcance do leão... — arqueja a Enfermeira Esther no êxtase da sua visão. — O teu passarito sozinho com o falcão —



vejo-te a ti e todos à tua volta a chorarem... Sangue! A mancha cai sobre ti. Oh, minha filha, minha filha, a mancha daquele sangue caiu sobre ti!

O nome do jovem era *Edmond* Dickenson.

Dickens dissera que providenciara um quarto no Hotel Charing Cross para o homem ferido, mas na verdade tratava-se de uma grande suite. Uma enfermeira velha e não muito atraente estabelecera o seu posto na sala de fora e guiou-me até ao inválido.

Depois da descrição que Dickens fizera da difícil extração do jovem Dickenson dos destroços, sem falar da sua narração melodramática do sangue, das roupas rasgadas e da necessidade de assistência médica do jovem, esperava encontrar um quase cadáver envolto em ligaduras e imobilizado por talas e apoios elevados por cabos e contrapesos. Mas o jovem Dickenson, embora de pijama e roupão, estava sentado a ler na cama quando entrei. O toucador e as mesas de cabeceira estavam adornados com flores, incluindo um vaso de gerânios carmim que trouxe de volta um pouco daquele sentimento de pânico que sentira no pátio de Gad's Hill Place.

Dickenson era um jovem suave, talvez com vinte ou vinte e um anos, com um rosto redondo, bochechas cor-de-rosa, cabelo ralo cor de areia, que já deixava a descoberto a testa rosada, olhos azuis, e orelhas delicadas como pequeníssimas conchas. O pijama parecia feito de seda.

Apresentei-me, explicando que era enviado pelo Sr. Dickens para averiguar o estado de saúde do jovem, e fiquei bastante surpreendido quando Dickenson deixou escapar subitamente:

— Oh, Sr. Collins! Fico profundamente honrado com a visita de tão famoso escritor! Gostei imenso do seu romance *The Woman in White*, que saiu em folhetim em *All the Year Round* logo após ter terminado *The Tale of Two Cities*, do Sr. Dickens.

— Obrigado, caro senhor — disse eu, quase corando com o cumprimento. É verdade que *The Woman in White* fora um enorme êxito, vendendo mais exemplares da revista do que a maioria dos contos de Dickens em folhetim. — Fico muito contente com o facto de ter gostado do meu modesto esforço — acrescentei.

— Oh, sim, foi maravilhoso — disse o jovem Dickenson. — Tem *imensa sorte* em ter alguém como o Sr. Dickens como seu mentor e editor.

Fitei longamente o jovem, mas o meu silêncio empedernido passou despercebido, pois Dickenson falava sem parar sobre o acidente de Staplehurst, sobre o horror de tudo aquilo, e depois sobre a incrível coragem e generosidade do Sr. Dickens.

— Tenho a certeza que não estaria hoje vivo se o Sr. Dickens não me tivesse encontrado entre os destroços — eu estava pendurado quase de cabeça para baixo e mal conseguia respirar, Sr. Collins! — e ele não me deixou até ter chamado alguns guardas para o ajudarem a puxar-me para fora dos terríveis destroços e ter supervisionado o meu transporte para a linha férrea, onde os feridos eram preparados para serem evacuados. Nessa tarde, o Sr. Dickens ficou junto de mim ao longo da viagem até Londres, no comboio de emergência, e — como pode ver! — insistiu em instalar-me neste quarto maravilhoso e providenciar-me assistência até que esteja totalmente recuperado.

— Não está gravemente ferido? — inquiri num tom perfeitamente neutro.

— Oh, não, de modo nenhum! Tenho apenas umas nódoas negras nas pernas, nas ancas, no braço esquerdo, no peito e nas costas. Não conseguia andar nos três dias que se seguiram ao acidente, mas hoje a enfermeira ajudou-me a ir à casa de banho, e a voltar, e foi uma expedição totalmente bem-sucedida!

— Fico contente — disse eu.

— Espero ir para casa amanhã — disse o jovem, com fervor. — Não conseguirei nunca compensar o Sr. Dickens pela sua generosidade. Na verdade ele salvou-me a vida! E convidou-me para ir a casa dele, em Gad's Hill, no Natal e no Ano Novo!

Estávamos a 12 de junho.

— Que maravilha — disse eu. — Tenho a certeza que Charles dá valor à vida que ajudou a salvar. Diz que vai para casa amanhã, Sr. Dickenson... posso perguntar-lhe onde fica a sua casa?

Dickenson continuou a falar. Parecia que era órfão — o tipo de ser humano favorito de Dickens, se dermos crédito a *Oliver Twist*, a *David Copperfield* ou a *Bleak House* ou a uma dúzia de outras histórias suas — mas tinham-lhe deixado dinheiro num processo labiríntico de herança à maneira de Jarndyce-and-Jarndyce<sup>2</sup>, e fora nomeado um velho tutor, que vivia numa propriedade de Northamptonshire, que bem poderia ter servido de modelo a Chesney Wold. Porém, o jovem Dickenson preferia viver em modestos quartos alugados, em Londres, onde vivia sozinho, quase sem amigos (se algum tinha), estudando ocasionalmente um instrumento ou aprendendo ocasionalmente uma profissão, sem verdadeiramente ter intenção de dominar ou praticar algum deles. Os juro da sua herança permitiam-lhe adquirir comida, livros, bilhetes de teatro e algumas férias ocasionais na costa — era dono do seu tempo.

---

<sup>2</sup> Alusão ao romance *Bleak House*, de Dickens, publicado entre 1852 e 1853. [N. do T.]

Discutimos teatro e literatura. Fiquei a saber que o jovem Sr. Dickenson, assinante do anterior jornal de Dickens, *Household Words*, bem como do atual, *All the Year Round*, lera e admirara a minha história «A Terribly Strange Bed», que aparecera na revista mais antiga.

— Céus, homem! — exclamei. — Isso foi publicado quase há quinze anos! Você devia ter uns cinco anos de idade!

O rubor do jovem Dickenson começou nas suas orelhas em forma de concha, migrou para as faces, e trepou como uma hera rosada pela abóboda das têmporas até à curvatura da sua testa pálida. Conseguia ver o rubor a espalhar-se até sob os seus cabelos ralos e cor de palha.

— Sete anos, na verdade, caro senhor — disse o órfão. — Mas o meu tutor, o Sr. Watson — um membro do Parlamento muito liberal —, possuía exemplares encadernados quer do *Punch* quer de revistas como *Household Words*, na sua biblioteca. A minha atual devoção pela palavra escrita foi formada e confirmada nessa sala.

— A sério? — disse eu. — Que interessante.

A minha integração na equipa de *Household Words*, havia anos, significara para mim mais cinco libras por semana. Parece que significara o mundo inteiro para aquele órfão. Quase conseguia recitar de cor o meu livro *After Dark* e ficou atenciosamente espantado quando lhe contei que os diferentes contos que formavam o volume tinham sido, em grande parte, baseados no diário da minha mãe e num outro manuscrito mais formal, no qual ela discorria sobre ser esposa de um pintor famoso.

Fiquei a saber que o menino de onze anos Edmond Dickenson viajara até Manchester com o seu tutor para ver *The Frozen Deep* no enorme New Free Trade Hall, a 21 de agosto de 1857.

O segundo ato de *The Frozen Deep* situava-se na região do Ártico, onde Dickens-Wardour e o segundo-comandante de Wardour, o Tenente Crayford, discutiam as escassas hipóteses de sobrevivência face ao frio e à fome.

«Nunca cedas ao teu estômago, e o teu estômago acabará por ceder a ti» é o aviso do explorador veterano a Crayford. Uma tal determinação — uma vontade que não aceita a submissão — vinha não apenas do aparo de Charles Dickens, mas da sua própria alma.

Wardour continua a explicar que ama as planícies do Ártico precisamente «porque não há ali mulheres». No mesmo ato, exclama: «Teria aceite tudo que colocasse trabalho, dureza e perigo, como muralhas, entre a minha miséria e eu... Trabalho duro, Crayford, é esse o verdadeiro

Elixir da vida!» E, finalmente, «...a irremediável miséria deste mundo, é a miséria causada pelas mulheres».

Era, nominalmente, a minha peça. O meu nome vinha no elenco como autor (bem como integrava a lista dos atores), mas quase todas as falas de Richard Wardour tinham sido escritas ou reescritas por Charles Dickens.

Aquelas não eram palavras de um homem feliz com o seu casamento.

No final do Ato II, são enviados dois homens pela superfície gelada como última hipótese de salvamento da tripulação encurralada. Esses homens têm de percorrer mil e seiscentos quilómetros de gelo permanente. Os dois homens são, claro, Richard Wardour e o seu bem-sucedido rival na preferência de Clara Burnham, Frank Aldersley. (Talvez já tenha mencionado que Dickens e eu deixáramos crescer a barba para os nossos papéis.) O segundo ato termina com a descoberta de que o ferido, esfaimado e enfraquecido Aldersley é o seu pior inimigo, o homem que ele jurara matar quando o visse.

— Viu, por acaso, o cavalheiro chamado Drood no local do acidente? — perguntei eu a Edmond Dickenson quando o jovem idiota parou, finalmente, de falar e a enfermeira saiu do quarto.

— Um cavalheiro chamado Drood? Na verdade, não estou certo. Estavam lá tantos cavalheiros para me ajudarem, e — para além do nosso maravilhoso Sr. Dickens — fiquei sem saber os seus nomes.

— Parece que este cavalheiro tem uma aparência que não se esquece — disse eu e enumerei algumas especificidades da descrição do nosso Fantasma feita por Dickens: a capa de seda preta e o chapéu alto, a falta dos dedos e a inexistência de pálpebras, o nariz incipiente, a palidez, a calvície e a frágil farripa de cabelo, o terrível olhar, a estranha forma de parecer deslizar em vez de caminhar, o silvo sibilante e o sotaque estrangeiro da sua fala.

— Oh, céus, não — gritou o jovem Dickenson. — Certamente me lembraria de ver ou ouvir um homem assim. — Depois, o seu olhar pareceu voltar-se para dentro, do mesmo modo que Dickens costumava fazer na obscuridade do seu gabinete de trabalho. — Mesmo apesar de tudo o que nesse dia vi e ouvi de terrível e inacreditável à minha volta — acrescentou.

— Sim, estou certo que sim — disse eu, resistindo ao impulso de dar uma palmada na roupa da cama sobre a sua perna magoada numa demonstração de pouca simpatia. — Então, nunca ouviu o nome Drood, nem ouviu outros a falarem dele... nesse dia, no comboio talvez?

— Que eu saiba não, Sr. Collins — disse o jovem. — É importante para o Sr. Dickens encontrar o homem? Faria *tudo* pelo Sr. Dickens, se estivesse ao meu alcance.

— Sim, estou certo que faria, Sr. Dickenson — disse eu. Desta vez dei mesmo uma palmada sobre o seu joelho que estava debaixo dos lençóis. — O Sr. Dickens encarregou-me especificamente de lhe perguntar se há mais algum serviço que ele lhe possa proporcionar — disse eu, olhando para o relógio. — Alguma vontade, carência ou dor que as enfermeiras ou o nosso mútuo amigo possam remediar?

— Absolutamente nada — disse Dickenson. — Amanhã devo ser capaz de andar suficientemente bem para deixar este hotel e começar a viver de novo pelos meus próprios meios. Tenho uma gata, sabe? — Riu suavemente. — Ou melhor, ela tem-me a mim. Embora, como é da natureza de tantas da sua espécie, vem e vai segundo o seu desejo, caça as suas próprias refeições, e certamente não estará incomodada pela minha ausência. — Tive novamente a sensação de que o seu olhar se voltava para dentro, fitando a morte e os moribundos em Staplehurst, apenas três dias antes. — Na verdade, Pussy não ficaria excessivamente incomodada se eu tivesse morrido. Ninguém sentiria a minha falta.

— E o seu tutor? — perguntei de rompante, não desejando deixar fluir uma torrente de autocomiseração.

Dickenson riu com suavidade.

— O meu atual tutor, um homem de leis que conheceu o meu avô, teria lamentado o meu falecimento, Sr. Collins, mas o nosso... relacionamento... é mais de natureza comercial. Pussy é praticamente a única amiga que tenho em Londres. Ou em qualquer outro sítio.

Assenti vivamente.

— Virei vê-lo outra vez de manhã, Sr. Dickenson.

— Oh, mas não há necessidade...

— O nosso mútuo amigo Charles Dickens não pensa assim — disse eu rapidamente. — E, se a saúde lho permitir, poderá vir vê-lo amanhã e indagar pessoalmente sobre a sua recuperação.

O rapaz corou novamente. Não era inapropriado, embora o fizesse de algum modo parecer ainda mais mole e mais tonto àquela luz da tarde de junho, filtrada pelos cortinados do hotel.

Assentindo e agarrando na minha bengala, deixei o jovem Edmond Dickenson e atravessei a sala, passando pela enfermeira silenciosa.

O Ato III de *The Frozen Deep* abre com Clara Burnham em viagem até à Terra Nova em busca de notícias (tal como a verdadeira *Lady Franklin* fi-

zera, alugando os seus próprios navios e indo até ao Extremo Norte com a sua sobrinha Sophia Cracroft em busca do marido, Sir John). Numa remota gruta de gelo dessa costa, um homem acabado de escapar do mar gelado cambaleia, esfaimado e exausto. Clara vê que é Wardour e há acusações históricas de que ele matou — e talvez tenha comido, interroga-se o público — o seu noivo, Frank Aldersley. Wardour — Dickens — sai apressadamente e volta com Aldersley — eu, de roupas rasgadas que me deixavam quase nu — nos braços e vivo. «Muitas vezes» — arqueja Wardour, — «apoiando Aldersley por montes de neve e blocos de gelo, estive tentado a deixá-lo enquanto dormia.»

Ao dizer estas palavras, Dickens... Richard Wardour... soçobra, cedendo finalmente ao esforço e à fome, e à exaustão por ter mantido vivo o seu rival, no gelo, durante tanto tempo. Wardour consegue dizer «Clara, minha irmã! Dá-me um beijo, irmã, dá-me um beijo antes de eu morrer!» Então, ele morre nos braços de Clara, no momento em que ela o beija na face e com as lágrimas dela a escorrerem-lhe pelo rosto.

No nosso último ensaio, estive tentado a vomitar no palco. Mas durante todas as quatro representações em Tavistock House, dei por mim a chorar e ouvi-me murmurar: «Isto é uma coisa horrível». Pode, Caro Leitor, interpretar isto no sentido que quiser.

Os desempenhos de Dickens eram cheios de força e... estranhos. William Makepeace Thackeray, um dos nossos espetadores na noite de estreia, observou mais tarde sobre Dickens: «Se aquele homem agora se dedicasse à representação, faria umas 20 000 libras por ano.»

Isto não era mais do que uma enorme hipérbole em 1857, mas na época do acidente de Staplehurst, Dickens ganhava quase essa quantia pela sua «representação» durante as digressões de leitura nos Estados Unidos e por toda a Inglaterra.

As audiências choravam copiosamente, como crianças, ao longo das quatro representações de *The Frozen Deep*, em Tavistock House. Os críticos profissionais que Dickens convidara para as primeiras noites juraram ter ficado profundamente impressionados com o desempenho de Dickens e a sua estranha imersão no papel de Richard Wardour. Na verdade, foi a terrível intensidade do autor — uma espécie de energia negra que enchia a sala e mergulhava todos os espetadores e ouvintes no seu remoinho — que *toda a gente* comentou.

Dickens ficou deprimido após a última representação de *The Frozen Deep*. Escreveu-me sobre o «triste ruído» dos operários «a martelarem e a deitarem abaixo» o seu teatrinho.

Houve um clamor para que Dickens levasse ao palco mais representações da minha peça; muito instaram para que o fizesse com intuito

lucrativo. Disse-se, e parece que com razão, que a própria Rainha queria ver uma representação. Mas Dickens resistiu a todas essas sugestões. Nenhum de nós, na produção amadora, queria ser um mero ator por dinheiro. No entanto, em junho desse ano, 1857, esse ano fatal em que a vida doméstica de Dickens mudaria para sempre, o escritor ficou chocado ao saber da morte do nosso mútuo amigo Douglas Jerrold.

Dickens disse-me que apenas umas noites antes da morte do outro autor, o Inimitável sonhara que Jerrold lhe dera um texto para editar, mas Dickens não conseguia entender o sentido das palavras. Este é o pesadelo de todos os escritores — a súbita quebra de sentido na linguagem que nos sustém e apoia —, mas Dickens achou interessante que tivesse sonhado com isso no momento em que Jerrold estava, sem que algum de nós o soubesse, às portas da morte.

Sabendo que a família de Jerrold ficaria em circunstâncias financeiras difíceis (Jerrold era muito mais radicalmente reformista do que Dickens, apesar da sua atitude, alguma vez seria), Dickens sugeriu uma série de ações de beneficência: T. P. Cooke retomaria as duas peças de Jerrold, *Black Eyed Susan* e *Rent Day*; Thackeray e o correspondente de guerra William Howard Russell fariam conferências; e o próprio Dickens faria leituras à tarde e à noite.

E, claro, *The Frozen Deep* seria reposta.

O objetivo de Dickens era angariar 2000 libras para a família de Jerrold.

A Gallery of Illustration, em Regent Street, foi arrendada para esta série de atividades. A Rainha — sempre cautelosa em não aparecer numa beneficência com um único beneficiário — não só apoiou com o seu nome este esforço, como fez saber que estava muitíssimo ansiosa por ver *The Frozen Deep*, sugerindo que o Sr. Dickens escolhesse uma sala no Palácio de Buckingham onde pudesse providenciar uma representação privada para Sua Majestade e os seus convidados.

Dickens recusou. As suas razões eram bem compreensíveis: as suas filhas, que apareciam na peça, não tinham sido nunca apresentadas na Corte e ele não queria que a primeira vez que aparecessem em presença da Rainha no palácio fosse como atrizes. Propôs que Sua Majestade se deslocasse a uma representação privada na Gallery of Illustration, uma semana antes da noite da contribuição, devendo levar a sua própria galeria de convidados. Perante a vontade de ferro do Indomável, a Rainha concordou.

Representámos para ela a 4 de julho de 1857. Os convidados de Sua Majestade incluíam o Príncipe Alberto, o rei da Bélgica e o príncipe da Prússia. Foi especialmente em honra do Príncipe Alberto que Dickens



ordenara que a entrada e as escadas fossem ornamentadas com flores. Alguns de nós, confesso, estávamos apreensivos que uma tal audiência real não reagisse tão apaixonadamente como o nosso público de Tavistock House, no inverno anterior, mas Dickens garantiu-nos que a Rainha e os convidados ririam nas partes engraçadas e chorariam nas partes tristes, espirraríamos exatamente nos momentos em que a nossa audiência vulgar o tinham feito, e que — durante a farsa intitulada *Uncle John*, apresentada após *The Frozen Deep* — alguma da realeza zurraria como os burros. Estava, como de costume, certo em toda a linha.

Depois da nossa representação, a Rainha, encantada, convidou Dickens a avançar para receber agradecimentos.

Ele recusou.

A razão que deu, desta vez, foi: «Não posso aparecer diante de Sua Majestade cansado e cheio de calor, ainda com a maquilhagem no rosto.»

Na realidade, claro, o que não lhe permitia apresentar-se à Rainha e aos seus convidados era mais do que a maquilhagem de ator. Veja que a nossa farsa romântica *Uncle John* deixara Dickens com o guarda-roupa de Uncle John, que consistia numa flácida camisa de dormir, um capacinho pateta e o nariz vermelho. Não existia nada sobre a terra que fizesse Charles Dickens, um dos homens mais orgulhosos e com mais consciência de si próprios que alguma vez viveu, permitir-se ser apresentado à Rainha Vitória naqueles preparos.

Uma vez mais, a Rainha condescendeu, cortesmente.

Demos mais duas representações de *The Frozen Deep* na Gallery of Illustration, mas, apesar de a peça ter sido recebida de novo com extraordinário entusiasmo e críticas elogiosas por todos os que assistiram e de as receitas serem responsáveis pela maior parte do dinheiro angariado, ficámos longe do objetivo das 2000 libras.

John Dean, gerente da Great Manchester Art Exhibition, pressionara Dickens para apresentar *The Frozen Deep* no New Free Trade Hall daquela cidade, e — não desejando obter menos do que o total das 2000 libras que prometera aos Jerrold — Dickens foi imediatamente a Manchester fazer uma leitura de *A Christmas Carol* e inspecionar o auditório, que poderia com facilidade conter duas mil pessoas.

Decidiu no momento que seria um local perfeito para a peça, mas que era pura e simplesmente demasiado grande para os escassos dotes teatrais das suas filhas e da sua cunhada Georgina, que tinham todas papéis fulcrais. (Nunca passou pela cabeça de Charles Dickens que *ele* poderia não estar à altura da exigência profissional de tão imenso auditório e de tão vasta audiência. Dickens sabia por experiência própria



que conseguia dominar multidões de três mil ou mais pessoas com o seu poder magnético.)

Precisaria de contratar e ensaiar algumas atrizes profissionais. (Mark Lemon, o seu filho Charley e eu fomos autorizados a integrar a trupe, mas o Inimitável começou a ensaiar-nos a todos como se nunca tivéssemos representado a peça.)

Alfred Wigan, gerente do Olympic Theatre, sugeriu a Dickens duas jovens atrizes prometedoras que ele contratara recentemente para o seu teatro — Fanny e Maria Ternan — e com a rápida aprovação de Dickens (ele e eu já tínhamos visto ambas as irmãs Ternan, com a irmã mais nova e a atriz veterana mãe delas, representarem em outras peças), Wigan abordou-as para ver se estariam interessadas em aparecer em *The Frozen Deep*. Estavam ansiosas por isso.

Wigan sugeriu então a Dickens que ponderasse também incluir a mãe das jovens, Frances Eleanor Ternan, bem como o mais novo e menos impressionante elemento da família de atrizes — com apenas dezoito anos — uma certa Ellen Lawless Ternan.

E, assim, a vida de Charles Dickens mudou para sempre.

Após deixar o Charing Cross Hotel, aluguei uma carruagem durante uma parte do caminho até casa e decidi caminhar o resto do percurso, parando para jantar num clube, ao qual nessa altura não pertencia, mas onde beneficiava de privilégios de visitante.

Estava zangado. Aquele animalzinho impertinente que o jovem Dickenson era, com o seu «Tem *imensa sorte* em ter alguém como o Sr. Dickens como seu mentor e editor... » deixara-me de mau humor.

Quando, cinco anos antes, no final do verão de 1860, o meu romance *The Woman in White* começou a aparecer em *All the Year Round* na semana em que *A Tale of Two Cities*, de Dickens, se concluiu (e devo fazer-lhe notar, Caro Leitor, que a personagem de Dickens, Sydney Carton, fora retirado muito liberalmente da *minha* altruísta e abnegada personagem Richard Wardour, em *The Frozen Deep* — razão pela qual o próprio Dickens o afirmou, reconhecendo que a personagem de Carton e a ideia de *A Tale of Two Cities* lhe surgira durante a última representação de *The Frozen Deep*, enquanto jazia no chão do palco com as lágrimas reais de Maria Ternan — a nova Clara Burnham — a ensoparem-lhe o rosto, a barba e as roupas rasgadas, ao ponto de ele ter de lhe sussurrar — «Minha querida menina, isto termina dentro de dois minutos. Peço-lhe que se recomponha!»)...

Onde ia eu?

Ah, sim, quando *The Woman in White* apareceu em folhetim, ao longo de oito meses, na nova revista semanal de Dickens — e suscitando um interesse e aclamação tremendos, poderia eu modestamente acrescentar —, houve muita conversa ociosa e pequenos comentários escritos relativos ao facto de eu, Wilkie Collins, ter aprendido a minha arte com Charles Dickens e afinado as minhas capacidades sob a tutela de Charles Dickens e ter até usado o estilo narrativo de Charles Dickens. Disse-se que me faltava a profundidade de Dickens e murmurou-se, em certos bairros, que eu «não era capaz de definir as personagens».

Isto, claro, era puro disparate.

O próprio Dickens escrevera-me uma nota após a leitura do meu manuscrito, na qual, dizia ele, representava «*um grande avanço em relação a todos os seus escritos anteriores, e muito especialmente no que respeita à ternura... na personagem é excelente... Ninguém mais poderia tê-lo feito tão bem, nem pela metade. Interrompi-me a cada capítulo para dar conta de algum exemplo de ingenuidade ou de alguma feliz solução de escrita.*

Mas, depois, Dickens... sendo Dickens... deitou por terra o efeito ao acrescentar que tinha «*de contestar sempre a sua disposição para não dar crédito à audiência, o que necessariamente envolve forçar a sua atenção em relação a alguns pontos.*

Poder-se-ia responder a isto que Charles Dickens dava invariavelmente demasiado crédito à audiência e, através das suas autoindulgentes derivas de fantasia impenetrável e subtileza desnecessária, deixava mais do que muitos leitores comuns perdidos na densa floresta da prosa dickensiana.

Para ser honesto consigo, Caro Leitor que vive e respira em tão remoto ramal do meu futuro que nenhum indício da minha sinceridade poderia ser recuperado por alguém que amasse Charles Dickens, eu sou... era... e quase seguramente sempre serei... dez vezes mais um arquiteto de enredos do que Charles Dickens alguma vez foi. Para Dickens, o enredo era algo que poderia crescer incidentalmente da manipulação de personagens bizarras como se fossem marionetas; se as vendas semanais de uma das suas inumeráveis histórias em folhetim comesçassem a deslizar, ele faria entrar mais personagens tolas e pô-las-ia a pavonear-se e a representar para o leitor crédulo, tão facilmente como desterrou o pobre Martin Chuzzlewit para os Estados Unidos a fim de elevar a sua (de Dickens) leitura.

Os meus enredos são subtis de uma forma que Charles Dickens nunca poderia perceber plenamente, muito menos gerir nas suas óbvias (para qualquer leitor com discernimento) e sinuosas construções de intrigas fortuitas e apartes autoindulgentes.

Gente imprudente e ignorante, como este animalzinho-órfão Edmond Dickenson, dizia sempre que eu estava constantemente «a aprender com Charles Dickens», mas o contrário é mais verdadeiro. O próprio Dickens reconhecia, como eu já referi, que a sua ideia do autossacrifício de Sydney Carton, em *A Tale of Two Cities*, surgira da minha personagem Richard Wardour em *The Frozen Deep*. E que era a sua «velha mulher de branco», em *Great Expectations*, a muito alardeada Menina Haversham, senão o roubo direto da minha personagem central em *The Woman in White*?

Instalei-me para tomar a minha refeição solitária. Gostava de ir àquele clube devido ao modo como o *chef* preparava o pudim de cotovia, que eu considerava uma das quatro obras-primas que a minha época produzira. Naquela noite, decidi fazer um jantar relativamente leve e encomendei dois tipos de pâté, sopa, umas lagostas doces, uma garrafa de champanhe seco, uma perna de borrego estufada com ostras e cebola picada, dois géneros de espargos, um bocado de carne assada, um pouco de caranguejo recheado, e um prato de ovos.

Enquanto desfrutava deste modesto repasto como me apetecia, lembrei-me que uma das poucas coisas de que sempre gostara na mulher de Dickens eram os seus cozinhados — ou pelo menos os cozinhados que ela supervisionava em Tavistock House, uma vez que, na verdade, nunca vira a mulher usar um avental ou levantar uma concha. Anos atrás, Catherine Dickens publicara (sob o nome de *Lady* Maria Clutterbuck) um conjunto de receitas, baseado nos pratos que ela servia regularmente na sua casa de Devonshire Terrace, num livro intitulado *What Shall We Have for Dinner?* Muitas das suas escolhas eram do meu agrado — e algumas eram visíveis sobre a minha mesa naquela noite, embora não em tão grande quantidade ou com igual glória de molhos (considero a maior parte dos cozinhados simplesmente como um prelúdio dos molhos) —, uma vez que o seu gosto também tendia para lagostas, grandes pernas de borrego, carne de vaca e sobremesas elaboradas. Havia tantas variações de queijo tostado no volume de receitas de Catherine que um crítico comentou: «*Nenhum homem poderia possivelmente sobreviver ao consumo de tanto queijo tostado.*»

Mas Dickens sobrevivera. E, ao longo dos anos, não engordara um quilo. Claro, é possível que o seu hábito de caminhar em passo vivo entre vinte a trinta quilómetros por dia pudesse ter alguma coisa a ver com isso. Eu, por mim, tenho uma natureza mais sedentária. As minhas inclinações, bem como a minha doença crónica, mantêm-me próximo da

escrivaninha, do sofá e da cama. Ando quando tenho de o fazer, mas repouso sempre que posso. (Era um ritual meu, quando passava algum tempo em Tavistock House ou Gad's Hill Place, esconder-me na biblioteca ou nalgum quarto de hóspedes vazio até às duas ou três da tarde — sempre que Dickens terminava os labores da escrita e procurava alguém para o acompanhar numa das suas amaldiçoadas marchas forçadas. Claro, era um ritual de Dickens encontrar-me — muitas vezes seguindo o cheiro do meu charuto, percebo eu agora —, pelo que eu era obrigado a fazer dois ou três quilómetros das suas longas caminhadas, que duravam menos de vinte minutos ao seu impossível ritmo.)

Nessa noite, não me conseguia decidir entre duas sobremesas, pelo que — salomonicamente — escolhi o pudim de cotovias e o bem confeccionado pudim de maçã. E uma garrafa de Porto. E cafés.

Enquanto acabava a torta, dei conta de um homem alto, aristocrático, mas muito velho, levantar-se de uma cadeira do outro lado da sala e, por um instante, pensei que fosse Thackeray. Então lembrei-me de que Thackeray morrera na noite de Natal de 1863, havia quase ano e meio.

Estivera neste mesmo clube, como convidado de Dickens, quando o velho escritor e o Inimitável se tinham reconciliado após vários anos de frio silêncio. O rompimento começara durante o auge da loucura que rodeara a separação de Dickens e Catherine, quando ele estava mais vulnerável. Alguém, no Garrick Club, mencionara que Dickens tinha um caso com a cunhada, e Thackeray, obviamente sem pensar, dissera qualquer coisa como esta: «Não, é com uma atriz».

A coisa chegou, claro, aos ouvidos de Dickens. Como sempre chegava. Então, um jovem jornalista, amigo de Dickens, parte do seu «pelotão», como então se disse, um certo Edmund Yates (que, como Iago, tinha sempre um ar magro e esfomeado, pensava eu), traçou um perfil desagradável e pouco abonatório de Thackeray no *Town Talk*. Profundamente atingido, o velho cavalheiro-escritor apercebeu-se de que tanto ele como Yates eram membros do Garrick e pediu ao clube para expulsar o mais jovem, argumentando que a conduta dele ao escrever um tal texto fora «intolerável numa sociedade de cavalheiros».

Num extraordinário gesto de insensibilidade para com o seu velho amigo Thackeray, Dickens tomou partido pelo jovem na disputa, demitindo-se, ele próprio, do Garrick quando, depois, o comité de admissão concordou com Thackeray e expulsou o jornalista.

Então, fora ali, no Athenaeum Club, anos mais tarde, que a ferida fora finalmente sarada. Ouvira Dickens descrever a reconciliação a Wills.

— Estava eu ali, a pendurar o chapéu no Athenaeum — disse ele — quando levantei os olhos e vi o rosto desfigurado de Thackeray. O

homem parecia um fantasma, Wills. Parecia tão morto como Marley<sup>3</sup> e apenas lhe faltavam as correntes. Então disse-lhe: «Thackeray, estiveste doente?» E entabulámos conversação após anos de silêncio e apertámos as mãos e tudo voltou a ser como era antes.

Isto é muito tocante. E é também muito falso.

Acontece que eu estive nessa noite no Athenaeum, e tanto eu como Dickens vimos Thackeray debater-se para vestir a casaca. O velho cavalheiro falava com dois outros membros. Dickens, que entrava, passou junto do velho escritor sem olhar para ele. Eu estava a guardar a bengala e o chapéu e Dickens passara já por Thackeray e tinha já um pé no degrau quando o velho autor foi atrás dele, apanhando-o nas escadas. Deram um aperto de mãos. Depois, Dickens entrou na sala de jantar e eu observei Thackeray voltar para junto do seu interlocutor — creio que era *Sir Theodore Martin* — e ouvi-o dizer: «Estou contente por ter feito isto.»

Charles Dickens era um homem simpático e muitas vezes sentimental, mas nunca era o primeiro a apaziguar uma zanga. Um facto do qual muito em breve eu seria lembrado.

Enquanto apanhava transporte para casa, pensei no esquisito plano de Dickens para procurar aquele espectro de nome Drood.

Ao ouvir Dickens contar a história do desastre de Staplehurst, nessa manhã, fora mudando de opinião sobre a veracidade do episódio do «Sr. Drood». Charles Dickens não era mentiroso. Mas Charles Dickens estava sempre convencido da veracidade e da justeza de qualquer posição que tomasse sobre qualquer assunto e — através da sua narração oral, mas particularmente através da sua escrita — sempre se convencia a *si próprio* de que algo era verdadeiro, pura e simplesmente porque ele dizia que era, mesmo quando não era. As suas várias cartas públicas culpando a sua mulher, *Catherine*, pela sua separação, oito anos antes, uma separação que fora obviamente ideia *sua*, necessidade *sua*, e instigada *por si*, são um exemplo perfeito deste fenómeno.

Mas porquê inventar esta personagem Drood?

Mas, de novo, porquê contar a toda a gente que ele, Dickens, tomara a iniciativa de arrumar a sua longa zanga com Thackeray, quando o gesto pertencera ao velho escritor?

A diferença é que as mentiras e exageros de Charles Dickens, ao mesmo tempo que não eram talvez contados deliberadamente — falando,

---

<sup>3</sup> Personagem do romance de Dickens, *A Christmas Carol*, publicado em 1843. [N. do T.]

eu próprio, como romancista, sei que alguns membros da nossa profissão vivem na sua imaginação tanto ou mais como nós habitamos o que as pessoas chamam «mundo real» —, eram sempre proclamados para fazerem com que *Charles Dickens* parecesse melhor.

Segundo todos os relatos objetivos, incluindo o daquele pequeno e rechonchudo homúnculo chamado Edmond Dickenson — que as suas feridas ulcerem, apodreçam e gangrenem —, Dickens fora o herói do desastre ferroviário de Staplehurst. Acrescentar um fantasma como Drood à narração não diminuía em nada o heroísmo do Inimitável. Na verdade, a óbvia ansiedade de Dickens ao descrever o estranho e quase inumano homem diminuía a aura do heroísmo dickensiano.

Então, o que significava tudo aquilo?

Tinha de assumir que, no local do acidente, estivera uma personagem muito estranha, chamada Drood, e que alguma coisa *ocorrera* de muito semelhante à breve conversa e às bizarras interações que mantiveram, tal como Dickens as descrevera.

Mas porquê tentar encontrar o homem? De acordo, havia um certo mistério numa figura assim tão estranha, mas Londres e Inglaterra, e mesmo o nosso caminho-de-ferro, estavam cheios de figuras estranhas. (Mesmo aquele jovem impertinente efemerídeo chamado Sr. Dickenson parecia uma personagem saída de um romance de Dickens — órfão, com o seu rico tutor e a sua fortuna garantida por dotação da Chancelaria, apático, sem objetivo, dado apenas à leitura e à preguiça. Que condimento extra havia para acreditar num «Sr. Drood» com aparência de leproso, com falta de dedos e de pálpebras e pronúncia ciciada?)

Mas, de novo, perguntei-me à medida que me aproximava da minha rua, porquê tentar encontrar este Drood?

Charles Dickens era um homem dado a muito planeamento e cuidadosas premeditações, mas era também uma criatura de impulsos. Durante a sua primeira digressão nos Estados Unidos, alienara a maior parte das suas audiências e quase *todos* os jornais e revistas americanos com a sua insistência na criação de uma Sociedade Internacional de Direitos de Autor. O facto de a ficção de Dickens — e a maior parte da ficção de autores ingleses — estar a ser descaradamente roubada e publicada na América, sem qualquer compensação paga aos seus autores, parecia obviamente correto e justo aos olhos dos arrivistas americanos, pelo que a ira de Dickens era justificada. Mas, pouco tempo após a digressão — depois de ter sido danificada a relação entre Dickens e o seu público adulator —, Dickens perdeu pura e simplesmente o interesse pelos Direitos de Autor. Era, por outras palavras, um homem cuidadoso com impulsos descuidados.



Em Gad's Hill Place ou nas suas casas anteriores, ou em qualquer viagem ou deslocação, era invariavelmente Charles Dickens quem decidia o destino das saídas, quem decidia a localização dos piqueniques e quem decidia os jogos a serem jogados, quem decidia quem seria o capitão das equipas e — mais frequentemente — era Dickens quem tomava nota dos pontos, anunciava os vencedores e entregava os prémios. Os habitantes da aldeia mais próxima de Gad's Hill Place tratavam-no até mais como um fidalgo, obviamente honrados por ser o famoso autor a entregar os prémios nas feiras e competições.

Dickens fora sempre o rapaz que conduzia os outros rapazes no jogo. Nunca duvidara de que era esse o seu papel na vida e nunca renunciou a esse papel enquanto adulto.

Mas que jogo estaríamos nós a fazer se Dickens e eu realmente procurássemos a figura do Sr. Drood? Que propósito serviria que não fosse satisfazer mais um impulso infantil de Charles Dickens? Os bairros que Drood alegadamente referira a Dickens quando desciam da linha férrea em direção à carnificina eram tudo menos zonas seguras de Londres. Eram, na verdade, como Dickens lhes chamava — a Grande Fornalha.

Cheguei a casa em grande sofrimento devido à gota.

A luz do gás da iluminação pública fazia-me doer os olhos. As minhas próprias passadas atingiam-me o cérebro como golpes de cinzel. O estrondo de uma carruagem que passou fez-me contrair o corpo todo com dores. Tremia. Um travo súbito e amargo a café veio-me à boca — não um eco do café que gostosamente tomara com a sobremesa, mas algo de muito mais vil. Havia confusão na minha mente e um enjoo nauseante penetrava-me o corpo.

A nossa nova casa era em Melcombe Place; mudáramo-nos de Harley Street havia um ano, em parte devido ao maior rendimento e estatuto literário que *The Woman in White* me proporcionara. (Pelo meu primeiro romance, *No Name*, recebi mais de 3000 libras pela publicação do livro e outras 4500 garantidas se incluísse a publicação em folhetim na América ou na Grã-Bretanha.)

Quando digo «nossa» ou «nós», refiro-me à mulher com quem vivia havia alguns anos, uma certa Caroline G. — e a sua filha, então com catorze anos, Harriet, a quem com frequência chamávamos Carrie. (Correu o boato de que Caroline me servira de modelo em *The Woman in White* — e é verdade que a encontrei a fugir de um canalha, à noite, no exterior de uma vivenda em Regents Park e que, correndo atrás dela, a resgatei depois das ruas como acontece com a personagem do roman-

ce — mas eu concebera a ideia de *The Woman in White* muito antes de conhecer Caroline.)

Mas Caroline e Harriet estavam fora naquela semana, de visita a uma prima em Dover, e — com as nossas duas criadas de verdade também fora nessa noite (admito ter listado a filha de Caroline como criada no censo dos impostos anuais dessa altura) — a casa estava por minha conta. Era verdade que não a muitos quilómetros desta casa havia uma outra casa com uma outra mulher dentro dela — uma certa Martha R. —, uma antiga criada de hotel em Yarmouth, então de visita a Londres pela primeira vez e com quem eu também esperava viver numa situação doméstica confortável no futuro, mas não fazia tenção de visitar Martha nessa noite ou nos tempos mais próximos. Estava com demasiadas dores.

A casa estava escura. Encontrei o frasco de láudano no guarda-louça fechado à chave onde o guardava e bebi dois copos, depois sentei-me à mesa das criadas, na cozinha, à espera que as piores dores passassem.

Em breve, o químico fez o seu trabalho. Senti-me como novo, com uma nova energia e, decidindo que iria ao gabinete de trabalho, no primeiro piso, para escrever durante uma hora ou duas antes de me deitar, subi pelas escadas mais próximas.

As escadas das traseiras, as escadas das criadas, eram muito íngremes e a luz trémula do gás no chão do patamar do primeiro andar funcionava mal, lançando apenas um minúsculo círculo de luz hesitante e deixando o resto das escadas na mais profunda escuridão.

Alguma coisa se mexeu na escuridão acima de mim.

— Caroline? — chamei eu, sabendo que não seria ela. Nem seria nenhuma das criadas. O pai das nossas criadas tivera pneumonia e elas estavam em Gales.

— Caroline? — chamei eu de novo, sem esperar, e sem obter, qualquer resposta.

O ruído, obviamente o roçar de um vestido de seda, desceu do sótão lá em cima pelas escadas escuras. Conseguia ouvir o pousar cuidadoso dos pequenos pés nus na escuridão.

Tateei a iluminação na parede, mas o incerto jorro de luz apenas brilhou mais para tornar a desvanecer-se, voltando ao seu débil tremeluzir.

Ela caminhou na direção do perímetro distante do fluxo e refluxo da luz, apenas três passos acima de mim. Tinha o ar que sempre teve — usava um velho vestido verde de seda, com um corpete alto. Na seda verde-escura havia pequeníssimas *fleurs-de-lis* douradas que lhe desciam em constelações até à cintura, envolvida numa faixa negra.

O seu cabelo estava apanhado num carrapito de outro tempo. A



sua pele era verde — um verde de queijo muito velho ou de um cadáver moderadamente decomposto. Os seus olhos eram como lagos sólidos de tinta negra que cintilavam humidamente à luz do gás. Os seus dentes — quando a sua boca se abria como agora, como para me saudar — eram longos, amarelos e curvos como presas.

Não tinha ilusões sobre as suas intenções nas escadas. Queria agarrar-me e atirar-me pelo longo lance de degraus. Preferia estas escadas das traseiras às da frente, mais largas, mais brilhantes e menos perigosas. Deu mais dois passos na minha direção e o seu sorriso amarelo abriu-se.

Movendo-me rapidamente, mas não com medo ou em grande correria, abri a porta de serviço para o patamar do primeiro piso, passei por ela, fechando-a e trancando-a atrás de mim. Não ouvi qualquer respiração através da porta — ela não respirava —, mas senti o arranhar ténue da madeira, a maçaneta de porcelana girou ligeiramente e depois regressou à posição inicial.

Acendi todas as luzes do primeiro andar. Não havia ali mais ninguém.

Respirando fundo, tirei o alfinete e desapertei o colarinho e entrei no gabinete de trabalho para escrever.

## CAPÍTULO QUATRO



Passaram três semanas e, segundo o meu irmão Charley (que, com a sua mulher, Kate, filha de Dickens, estava em Gad's Hill Place), o autor recuperava lentamente da sua terrível provação. Trabalhava todos os dias em *Our Mutual Friend*, encontrando-se com gente para jantar, desaparecendo com frequência — quase de certeza para contactar com Ellen Ternan — e até fazendo leituras para grupos selecionados. Uma leitura por Charles Dickens era uma das experiências mais esgotantes a que alguma vez assisti, e o facto de ele estar disposto a isso, mesmo se depois caísse para o lado, como Charley relatava que lhe acontecia frequentemente, era indicativo das reservas de energia que o homem ainda possuía. Ainda o incomodava viajar de comboio, mas Dickens, sendo Dickens, forçava-se a deslocar-se à cidade de comboio quase diariamente, precisamente por essa razão. Charley relatou que, quando se sentia a mínima trepidação na carruagem, o rosto de Dickens ficava cinzento como a flanela e grandes gotas de suor surgiam na testa e na face enrugada do escritor e agarrava ferozmente o assento da frente, mas com um gole de brande aguentava-se, recusando-se a mostrar qualquer outro indício da sua agitação. Tinha a certeza de que o Inimitável se esquecerá por completo de Drood.

Mas, então, em julho, a caça ao fantasma começou a sério.

Era a altura mais quente, mais febrilmente quente, do verão quente e febril. Os excrementos de três milhões de londrinos fediam nos esgotos a céu aberto, incluindo o maior dos nossos esgotos a céu aberto (apesar da tentativa engenhosa desse ano de abrir um sistema elaborado

de esgotos subterrâneos) — o Tamisa. Dezenas de milhares de londrinos dormiam nos alpendres e varandas à espera que chovesse. Mas quando a chuva caiu, foi como um banho quente de chuveiro, simplesmente acrescentando uma camada de humidade ao calor. Julho assentou sobre Londres, nesse verão, como uma camada pesada e húmida de carne em decomposição.

Eram recolhidas vinte mil toneladas de estrume de cavalo por dia nas ruas malcheirosas e atiradas para o que educada e eufemisticamente chamávamos «montes de poeira» — enormes montes de fezes que se erguiam junto à foz do Tamisa como um Himalaia inglês.

O fedor dos cemitérios superlotados, à volta de Londres, também se elevava aos céus. Os Coveiros tinham de pular sobre novos corpos, muitas vezes afundados em carne apodrecida até à cintura, para forçarem os relutantes novos residentes a descenderem às covas pouco fundas, e estes novos corpos juntavam-se ao húmus sólido de camadas purulentas e superlotadas de corpos a apodrecer que havia por baixo. Em julho, sabia-se imediatamente quando se estava a seis quarteirões de um cemitério — o miasma pestilento fazia com que as pessoas deixassem as casas e edifícios das redondezas — e havia *sempre* um cemitério por perto. Os mortos estavam sempre sob os nossos pés e dentro das nossas narinas.

Muitos cadáveres jaziam, por recolher, nas ruas mais pobres desta Grande Fornalha, entrando em decomposição junto ao lixo em apodrecimento, que também nunca era recolhido. Não apenas fios de água, nem apenas regatos, mas verdadeiros rios de imundície pura desciam por aquelas ruas, passando sobre o lixo e os cadáveres, por vezes encontrando uma abertura de esgoto, mas mais frequentemente acumulando-se em poças e charcos que manchavam as pedras da calçada. Esta água escura infiltrava-se nas fundações, acumulava-se nas caves, contaminava os poços e acabava sempre — mais cedo ou mais tarde — no Tamisa.

O comércio e a indústria desenterravam todos os dias toneladas de coisas ocultas, carnes, ossos recozidos, carne de cavalo, cordas de tripa, cascos, cabeças e vísceras de vaca, e outros detritos orgânicos. Ia tudo para o Tamisa ou era amontoado em pilhas gigantescas ao longo das margens do Tamisa, à espera de ir para dentro de água. As lojas e casas ao longo do rio vedavam as janelas e ensopavam as persianas em cloro, e as autoridades oficiais atiravam toneladas e toneladas de cal para o Tamisa. Os peões andavam com lenços encharcados de perfume sobre a boca e o nariz. Não servia de nada. Até os cavalos das carruagens — muitos dos quais morreriam em breve do calor, aumentando o problema — vomitavam com o cheiro.

O ar naquela noite escaldante de julho quase estava verde com os vapores quentes do excremento de três milhões de seres humanos e os eflúvios do matadouro urbano e industrial que era a marca do nosso tempo. Caro Leitor, talvez seja pior no seu tempo, mas confesso que não vejo como.

Dickens enviara-me uma nota para nos encontrarmos às oito da noite na taverna Blue Posts na Cork Street, onde eu seria seu convidado ao jantar. A nota dizia também para levar botas a sério para uma «excursão tardia relacionada com o nosso amigo Sr. D.».

Apesar de, nesse dia, me ter sentido indisposto — a gota é muitas vezes agravada por calor como aquele —, cheguei a horas à Blue Posts. Dickens abraçou-me à entrada da taverna e exclamou:

— Meu caro Wilkie, estou feliz por vê-lo! Tenho estado terrivelmente ocupado em Gad's Hill nestas últimas semanas e senti falta da sua companhia!

A refeição foi longa, lenta, e excelente, tal como a cerveja e o vinho que bebemos a acompanhá-la. Dickens encarregou-se, claro, da maior parte da conversa, mas esta foi animada e turbulenta como era a maior parte das conversas com o Inimitável. Disse que esperava terminar *Our Mutual Friend* no início de setembro e que tinha toda a confiança em que os últimos fascículos impulsionariam as vendas do nosso *All the Year Round*.

Depois do jantar, apanhámos um táxi para a esquadra de polícia de Leman Street.

— Recorda-se do Inspetor Charles Frederick Field? — perguntou Dickens enquanto a carruagem ressoava a caminho da esquadra.

— Claro — disse eu. — Field estava no Departamento de Investigação da Scotland Yard. Você passou algum tempo com ele, há alguns anos, quando estava a pesquisar material para *Household Words*, e ele acompanhou-nos daquela vez que passeámos pelas... ah... zonas menos atraentes de Whitechapel. — Não referi que sempre estivera certo de que Dickens usara o Inspetor Field como modelo do «Inspetor Bucket», em *Bleak House*. A voz abertamente segura, a sensação de domínio fácil sobre óbvios criminosos e salteadores e sobre as mulheres da rua que se tinham cruzado connosco nessa longa noite em Whitechapel, para não referir a capacidade daquele homem enorme de agarrar o nosso cotovelo com um aperto férreo, de que não se conseguia escapar, e o qual se movia depois em direções que não se planeava tomar... todas as capacidades grosseiras do Inspetor Bucket descreviam o verdadeiro Inspetor Field na perfeição.

Disse:

— O Inspetor Field foi o nosso anjo protetor durante a nossa descida ao Hades.

— Precisamente, meu caro Wilkie — disse Dickens enquanto saíamos da carruagem em frente da esquadra de polícia da Leman Street. — E já que o Inspetor Field se retirou e empreende novas atividades, tenho o maior dos prazeres em apresentá-lo ao nosso *novo* anjo protetor.

O homem que nos esperava sob a lâmpada de gás no exterior da esquadra da polícia parecia mais uma parede do que um homem. Apesar do calor, usava um casaco comprido — parecido com aqueles largos e compridos com que os *cowboys* australianos e americanos são tão frequentemente mostrados nas ilustrações dos horrorosos romances de um *penny* — e a sua cabeça maciça era encimada por um chapéu de coco firmemente assente num esfregão de cabelo curto e encaracolado. O seu corpo era absurdamente largo e imperturbavelmente quadrado — uma espécie de pedestal de granito do bloco de pedra que era a sua cabeça e rosto. Os seus olhos eram pequenos, o nariz um retângulo embotado, que parecia esculpido na mesma pedra do que o rosto, e a sua boca parecia pouco mais do que uma estreita linha esculpida. O pescoço era da mesma largura das abas do chapéu de coco. As suas mãos tinham pelo menos três vezes o tamanho das minhas.

Charles Dickens tinha um metro e setenta e cinco. Eu era vários centímetros mais baixo que Dickens. Aquele brutamontes quadrado de guarda-pó cinzento de *cowboy* parecia ter pelo menos mais vinte centímetros do que Dickens.

— Wilkie, apresento-lhe o antigo sargento Hibbert Aloysius Hatchery — disse Dickens, sorrindo por entre a barba. — Detetive Hatchery, tenho o prazer de lhe apresentar o meu mais valioso associado e colega, escritor de talento, e esta noite companheiro de procura do Sr. Drood, o Sr. Wilkie Collins.

— Muito gosto, realmente — disse a parede, pairando sobre nós. — Pode chamar-me Hib se lhe agrada, Sr. Collins.

— Hib — repeti eu estupidamente. Por sorte, o gigante apenas tocou com a ponta dos dedos no chapéu, em saudação. Pensar naquela mão enorme em volta da minha, esmigalhando-me os ossos todos, fez-me sentir os joelhos irem-se abaixo.

— O meu pai, que era um homem esperto, mas não letrado, se percebe o que quero dizer, caro senhor — disse o Detetive Hatchery, — tinha a certeza que o nome Hibbert vinha na Bíblia. Mas, ai de mim, não vinha. Nem mesmo como lugar de repouso dos Hebreus, no deserto.

— O Detetive Hatchery foi sargento da Polícia Metropolitana durante vários anos, mas está atualmente de... ah... licença e trabalha *pri-*

*vadamente* como detetive de investigação — disse Dickens. — É capaz de se decidir por voltar ao Departamento de Investigação da Scotland Yard dentro de um ano, mas parece que trabalhar para privados é mais compensador.

— Um detetive que trabalha privadamente — murmurei eu. A ideia continha possibilidades maravilhosas. Arquivei-a nesse mesmo momento e o resultado — como talvez saiba, Caro Leitor dos tempos futuros, se posso ter tal imodéstia — tornar-se-ia depois no meu romance *The Moonstone*. Disse: — Está de férias, Detetive Hatchery? Algum género de ano sabático da polícia?

— De certa forma, pode dizê-lo, caro senhor — trovejou o gigante. — Pediram-me para tirar um ano de licença devido a irregularidades no tratamento de um patife, do género malvado, no cumprimento do meu dever. A imprensa fez um escândalo. O meu comandante pensou que seria melhor para o Gabinete e para mim próprio se entrasse no serviço privado, com licença para me ausentar, poder-se-ia dizer, durante alguns meses.

— Irregularidades — disse eu.

Dickens bateu-me levemente nas costas.

— O Detetive Hatchery, ao prender o já mencionado patife — um atrevido ladrão que atuava em pleno dia e atacava senhoras de idade, aqui mesmo em Whitechapel —, torceu acidentalmente o inútil pescoço do ladrão. Estranhamente, o ladrão sobreviveu, mas agora a família tem de o transportar dentro de um cesto. Nenhuma perda para a comunidade, e tudo isto são ossos do ofício, como o Inspetor Field e outros da mesma profissão me garantiram, mas alguns do grupo hipersensível do *Punch*, já para não referir jornais menos importantes, decidiram fazer barulho. Pelo que é uma imensa sorte a nossa por termos o Detetive Hatchery livre para nos acompanhar esta noite à Grande Fornalha!

Hatchery retirou uma lanterna de furta-fogo de debaixo do casaco. A lanterna parecia um relógio de bolso na sua mão enorme.

— Seguir-vos-ei, meus senhores, mas farei de modo a permanecer em silêncio e invisível, a menos que me chamem ou a minha presença se revele necessária.

Chovera enquanto Dickens e eu jantávamos, mas isso apenas serviu para tornar mais denso o ar quente da noite que nos envolvia. O Inimitável ia à frente, marcando o seu absurdo ritmo usual — nunca menos de seis quilómetros por hora, que conseguia manter durante horas, como eu sabia pela minha própria dolorosa experiência — e uma vez mais lutei

para conseguir acompanhá-lo. O Detetive Hatchery seguia trinta metros atrás de nós como uma parede silenciosa de nevoeiro sólido.

Deixámos as estradas e ruas mais largas e, com Dickens à frente, entrámos num labirinto de atalhos e becos cada vez mais escuros e estreitos. Charles Dickens nunca hesitou; conhecia de cor estas ruas terríveis das suas muitas deambulações a meio da noite. Eu sabia apenas que estávamos algures a leste de Falcon Square. Retinha uma vaga recordação desta zona das minhas expedições anteriores ao baixo-ventre de Londres, com Dickens — Whitechapel, Shadwell, Wapping, tudo zonas da cidade que um cavalheiro deveria evitar, a menos que procurasse o mais baixo género de mulheres —, e parecia que nos dirigíamos para as docas. O fedor do Tamisa piorava a cada quarteirão sombrio e estreito por onde avançávamos naquele labirinto de ratazanas. Os edifícios, aqui, pareciam como se tivessem regressado ao período medieval, quando Londres se estendia, gordurosa, escura e doente, no interior das suas altas muralhas, e, na verdade, as antigas estruturas de ambos os lados das ruas sem passeios pairavam sobre nós quase fechando o céu noturno.

— Temos algum destino? — sussurrei a Dickens. Aquela rua em particular estava vazia, mas sentia que nos observavam olhos das janelas com persianas e dos becos imundos, de um lado e do outro. Não queria que me ouvissem, embora soubesse que mesmo o meu sussurro seria transportado como um grito através daquele ar denso e silencioso.

— Bluegate Fields — disse Dickens. A ponteira metálica da sua pesada bengala — uma que apenas levava para descidas noturnas à sua Babilónia, dera eu conta — estalava nas pedras rachadas do pavimento a cada três passos dele.

— Por vezes chamamos-lhe Tiger Bay — ouviu-se uma voz vinda da escuridão atrás de nós.

Reconheço que me assustei. Esquecera por completo que o Detetive Hatchery estava connosco.

Atravessámos uma via pública mais larga — Brunswick Street, creio — mas não era mais limpa nem mais bem iluminada do que os bairros miseráveis do outro lado. Depois, voltámos de novo ao labirinto estreito e pendente. Os edifícios aqui abarrotavam por todos os lados, exceto aqueles que estavam em completa ruína, meros amontoados de alvenaria e madeira desmoronados. Mesmo ali, naquelas ausências tombadas ou carbonizadas, sentia sombras escuras a moverem-se, a mexerem-se, a observar-nos. Dickens conduziu-nos por sobre uma ponte estreita e podre que atravessava um tributário pestilento do Tamisa. (Este foi o ano, devo salientar, Caro Leitor, em que o Príncipe de Gales girou oficialmente a roda que abriu as Obras de Saneamento Básico, em Crossness,

o primeiro grande passo da tentativa do engenheiro-chefe Joseph Bazalgette de implantar um sistema de esgotos moderno em Londres. A nata da nobreza de Inglaterra e do alto clero esteve presente na cerimónia. Mas, pondo de parte toda a delicadeza, devo também lembrar-lhe que as Obras de Saneamento Básico — e todos os futuros sistemas de esgotos, bem como a miríade de velhos tributários e velhos esgotos — continuaram a despejar merda não filtrada no Tamisa.)

Quanto mais terríveis se tornavam as ruas e os bairros, mais apinhados eram. Grupos de homens — aglomerados de sombras, na realidade — eram então visíveis nas esquinas, às portas, nos terrenos baldios. Dickens continuou a avançar a passos largos, mantendo-se ao meio das ruas desfeitas, para que pudesse ver melhor e evitar os buracos e charcos fedorentos de água imunda, com a sua bengala de senhor a retinir no empedrado. Parecia indiferente aos murmúrios e imprecações iradas dos homens por que passávamos.

Por fim, um grupo de sombras em farrapos destacou-se da escuridão de um edifício sem iluminação e bloqueou-nos a passagem. Dickens não hesitou, e continuou a andar a passos largos em direção a eles como se fossem crianças que viessem pedir-lhe o autógrafo. Mas eu consegui ver como agarrou de forma diferente na bengala, de maneira a que o pesado castão de metal — um bico de pássaro, creio — ficasse virado para fora.

O meu coração batia com força e quase vacilei quando Dickens me conduziu na direção daquela parede negra de rufiões zangados. Então, uma outra parede — cinzenta e com um chapéu de coco em cima dela — passou bruscamente por mim, chegando-se a Dickens, e ouviu-se a voz de Hatchery dizer suavemente:

— Andor, rapaziada. Voltem para os vossos buracos. Deixem estes cavalheiros passar sem sequer olharem para eles outra vez. *Agora.*

A lanterna resguardada do detetive privado dava luz suficiente para me permitir ver que a sua mão direita desaparecera no interior do seu casaco largo. O que levava ele ali? Uma pistola? Pensei que não. Era, quase de certeza, um taco de chumbo. Talvez algemas. Os rufiões à nossa frente, por trás de nós e ao nosso lado haveriam de saber.

O círculo de homens dispersou tão depressa como se juntara. Esperei que atirassem contra nós pedras pesadas ou, pelo menos, escarros de recusa quando passámos, mas quando avançámos, nada de mais forte do que alguma praga abafada foi atirado na nossa direção. O Detetive Hatchery desapareceu na escuridão atrás de nós e Dickens continuou a sua rápida marcha ritmada pelo retinir da bengala em direção ao que eu achava ser o sul.



Então, entrámos na área dominada pelas prostitutas e respetivos donos.

Pareceu-me lembrar de ter ido ali no meu tempo de estudante. A rua tinha, na verdade, um ar mais respeitável do que a maioria daquelas que tínhamos atravessado na última meia hora ou coisa que o valesse. Luzes fracas brilhavam através das persianas cerradas nas janelas mais altas. Se não se soubesse, seria fácil pensar que aquelas habitações pertenciam a mãos esforçadas de operários ou mecânicos. Mas a quietude era demasiado opressiva. Nos degraus e às varandas, e sobre as lajes estaladas do que passavam por ser passeios, reuniam-se mulheres jovens — conseguíamos vê-las à luz das lâmpadas que se escapava pelas janelas mais baixas, sem persianas —, a maioria das quais pareciam não ter mais de dezoito anos. Algumas pareciam ter catorze ou menos.

Mais do que dispersarem quando viram o Detetive Hatchery, chamaram-no com vozes de gozo, suaves e menineiras: «Ei, 'Ibbert, trazes-nos clientes, hã?» ou «Entra e relaxa um pouco, Hib, velho galo». Ou «Não, não, a porta não está fechada, Inspetor H, nem o estão as portas do nosso quarto».

Hatchery riu-se com vontade.

— As tuas portas nunca estão fechadas, Mary, embora bem devessem estar. Cuidado com os modos, meninas. Estes cavalheiros não querem nenhum dos vossos artigos nesta noite quente.

Aquilo não era necessariamente verdade. Dickens e eu parámos junto de uma jovem, talvez com uns dezassete anos de idade, quando ela se inclinou sobre uma balaustrada e nos examinou à luz fraca. Consegui ver que a sua figura era cheia, com uma escura saia subida e um corpete descido.

Deu conta do interesse de Dickens e fez-lhe um largo sorriso que mostrava demasiados dentes ausentes.

— Andas à procura de tabaque, queridinho? — perguntou ela ao escritor.

— Tabaque? — disse Dickens, lançando-me um hílare olhar de viés. — Nem pensar, minha querida. Que a faz pensar que vim à procura de tabaco?

— Porque se quiseres, eu tenho — disse a rapariga. — Em maços ou às meias-onças, e charutos e todos os géneros que possas querer, e também podes ter-me a mim, se quiseres. Só tens de entrar.

O sorriso de Dickens esmoreceu um pouco. Colocou ambas as mãos enluvadas sobre a bengala.

— Menina — disse ele, suavemente, — já pensou na possibilidade, muito real, de mudar a sua vida? De desistir... — A sua luva branca era

visível na escuridão quando gesticulou em direção aos edifícios silenciosos, aos silenciosos grupos de raparigas, à rua desfeita, e até à linha distante de homens rudes, à espera, como um bando de lobos da floresta, para lá do círculo de luz pálida. — De desistir desta vida?

A rapariga deu uma risada por entre os dentes partidos ou podres, mas não era um riso de rapariga. Era um amargo presságio do matraquear seco de uma velha doente.

— Desistir da minha vida, queridinho? Porque não desistires tu da tua, então, hã? A única coisa que tens de fazer é voltares para onde Ronnie e os rapazes estão à espera.

— A tua não tem futuro, não tem esperança — disse Dickens. — Há lares para mulheres caídas. Eu próprio ajudei a direção e administrei uma em Broadstairs, onde...

— Não estou prestes a cair — disse ela. — A menos que te ponhas em mim por trás, mas pelo preço certo. — A rapariga voltou-se e fitou-me. — E tu, homenzinho? Parece que ainda te resta alguma vida. Queres entrar para um maço de tabaques antes que o velho Hatchery azede connosco?

Aclarei a garganta. Para ser honesto consigo, Caro Leitor, senti um certo fascínio por estar ali a rondar a meretriz, apesar do calor e do fedor da noite, dos olhares dos meus companheiros, e apesar, também, do seu sorriso arruinado e linguagem ignorante.

— Venha — disse Dickens, voltando-se e caminhando a passos largos pela noite dentro.

— Dickens — disse eu quando cruzámos outra ponte estreita e rangente que passava sobre outro fio de água pestilento e fétido, e as ruas à nossa frente não eram mais do que becos, os edifícios escurecidos ainda mais medievais que quaisquer outros que já víamos, — tenho de perguntar, esta... excursão... tem realmente alguma coisa a ver com o misterioso Sr. Drood?

Ele estacou e apoiou-se na bengala.

— Absolutamente, meu caro Wilkie. Devia ter-lhe dito ao jantar. O Sr. Hatchery fez mais por nós a este respeito do que apenas escoltar-nos através deste bairro... impróprio. Ele tem estado ao meu serviço há já algum tempo e tem feito bom uso das suas capacidades de detetive. — Virou-se para a forma imensa que surgira atrás de nós. — Detetive Hatchery, não se importa de informar o Sr. Collins sobre o que descobriu até à data?

— Certamente — disse o enorme detetive. Tirou o chapéu, coçou o couro cabeludo sobre o qual explodiam densos caracóis, e comprimiu o

chapéu de novo no seu lugar. — Caro senhor — disse ele, agora dirigindo-se a mim, — fiz nos últimos dez dias perguntas a vários bilheteiros dos comboios, em Folkestone e outras possíveis paragens ao longo do caminho — embora o expresso pendular não tenha feito paragens no caminho — bem como outras discretas perguntas a outros passageiros, aos guardas que estavam no comboio nessa tarde, aos revisores, e a outras pessoas. E o facto, Sr. Collins, é que ninguém chamado Drood, ou que se assemelhasse à descrição bastante esquisita que o Sr. Dickens me deu deste Sr. Drood, tinha bilhete para viajar ou estava nas carruagens de passageiros, no momento do acidente.

Olhei para Dickens à luz fraca.

— Então, ou o seu Drood era alguém de Staplehurst — disse eu — ou não existiu.

Dickens apenas abanou a cabeça e acenou a Hatchery para que continuasse.

— Mas a segunda carruagem postal — disse o detetive — transportava três caixões para Londres. Dois deles tinham sido carregados em Folkestone e o terceiro viera no mesmo *ferry* que trouxe o Sr. Dickens... e acompanhantes. A papelada dos caminhos-de-ferro mostra que este terceiro caixão, o que viera de França naquele dia — não há registo de que sítio de França —, era para ser entregue a um Sr. Drood, sem qualquer nome próprio, quando chegasse a Londres.

Tive de pensar sobre isto durante um minuto. Ouviram-se gritos abafados vindos dos bordéis que tinham ficado já bem para trás. Por fim, disse:

— Você pensa que Drood estava *dentro* de um desses caixões? — Olhei para Dickens quando lhe coloquei a questão.

O autor riu-se, quase com deleite, pensei eu.

— *Com certeza*, meu caro Wilkie. Acontece que a segunda carruagem postal descarrilou, deslocando todas as encomendas e malas e... sim... os caixões, mas não foi atirada lá para baixo, para a ravina. Isso explica porque Drood estava a descer a encosta comigo poucos minutos depois.

Abanei a cabeça.

— Porque optaria ele por viajar... meu Deus... de caixão? Isso sair-lhe-ia mais caro do que um bilhete de primeira classe.

— Um pouco menos, um pouco menos — interpôs Hatchery. — Confirmei isso. As tarifas para transportar os falecidos são um pouco menores do que a primeira classe. Não muito, mas são menos uns quantos *shillings*.

Continuava a não fazer sentido para mim.

— Mas, Charles — disse eu suavemente, — certamente não está a sugerir que o seu Sr. Drood de bizarra aparência era um... o quê? Um fantasma? Uma espécie de morto-vivo?

Dickens riu-se de novo, desta vez ainda mais infantilmente.

— Meu caro Wilkie. *Realmente*. Se fosse um criminoso, Wilkie — tão conhecido da polícia portuária quanto da polícia de Londres —, qual seria a maneira mais fácil e mais eficaz que *você* poderia arranjar para regressar de França para Londres?

Era a minha vez de rir, mas não com qualquer espécie de deleite, posso garantir-lhe.

— Não de caixão — disse eu. — O caminho todo desde França? É... impensável.

— Nem por isso, meu caro rapaz — disse Dickens. — São apenas umas horas de desconforto. Dificilmente mais desconfortável que a viagem normal de *ferry* ou de comboio, hoje, se tivermos de ser perfeitamente claros. E quem está para inspecionar um caixão com um cadáver a apodrecer há uma semana dentro dele?

— O seu cadáver tinha uma semana? — perguntei eu.

Dickens apenas agitou os dedos brancos da luva na minha direção, como se eu tivesse gracejado.

— Então porque vamos, esta noite, às docas? — perguntei eu. — Terá o Detetive Hatchery alguma informação sobre onde o caixão do Sr. Drood ficou a flutuar?

— Na verdade — disse Hatchery, — as minhas investigações, nesta parte da cidade, levaram-nos até umas pessoas que dizem conhecer Drood. Ou ter conhecido. Ou ter feito negócios com ele, como parece ser o caso. É p'ra onde vamos agora.

— Avancemos, então — disse Dickens.

Hatchery levantou uma mão enorme como se estivesse a mandar parar o trânsito na Strand.

— Cavalheiros, sinto ser meu dever salientar que estamos agora a entrar nos Bluegate Fields propriamente ditos, embora haja muito pouco de apropriado neles. Nem sequer constam da maior parte dos mapas da cidade, oficialmente falando, como New Court, p'ra onde estamos a ir. Há homens, no sítio p'ra onde vamos, capazes de os matar num minuto.

Dickens riu-se.

— Como teriam feito aqueles rufiões que encontrámos há pouco, presumo eu — disse ele. — O que tem Bluegate Fields de diferente, meu caro Hatchery?

— O que tem de diferente, chefe, é que aqueles que encontrámos há pouco ter-lhe-iam ficado com a bolsa e tê-lo-iam deixado sem sentidos

à beira da estrada, talvez à beira da morte, sim. Mas os que vamos ter pela frente... esses cortar-lhe-iam a garganta apenas para ver se a lâmina ainda está afiada.

Olhei para Dickens.

— Lascarins, hindus e bengalis, em particular, e chineses, em geral — continuou Hatchery. — Também irlandeses e alemães e outros náufragos que tais, para não falar da pior escumalha ao cimo da terra, marinheiros em terra à caça de mulheres e de ópio, mas são os ingleses, aqui em Bluegate Fields, que mais têm de recear, cavalheiros. Os chinocas e outros estrangeiros, não comem, não dormem, não falam, apenas vivem para o ópio... mas os ingleses das redondezas são um grupo invulgarmente duro, Sr. Dickens. Invulgarmente duro.

Dickens riu-se outra vez. Soava como se tivesse bebido imenso, mas eu sei que apenas bebera algum vinho e porto ao jantar. Era mais o riso despreocupado de uma criança.

— Então, teremos de lhe confiar de novo a nossa segurança, Inspector Hatchery.

Dera conta de que Dickens acabara de promover o detetive privado, e pelo modo como, modestamente, o enorme homem se apoiava ora num pé ora noutro, parecia que Hatchery também interpretara o facto dessa maneira.

— Sim, senhor — disse o detetive. — Com a vossa licença, agora vou eu à frente. E é capaz de ser conveniente os cavalheiros ficarem perto durante um bocado.

A maior parte das ruas por onde tínhamos passado não estavam marcadas e o labirinto de Bluegate Fields era ainda menos delineado, mas Hatchery parecia saber exatamente para onde se estava a dirigir. Até Dickens, que caminhava a passos largos atrás do detetive imenso, parecia ter a noção sobre qual era o seu destino, mas o detetive respondeu à minha pergunta sussurrada enumerando, no seu tom de voz normal, alguns dos lugares onde estivéramos ou em breve iríamos estar: a igreja de S. Jorge no Oriente (não me lembrava de ter passado por ela), George Street, Rosemary Lane, Cable Street, Knock Fergus. Black Lane, New Road, e Royal Mint Street. Não dera conta de nenhum destes nomes escritos em placas.

Em New Court abandonámos a rua fedorenta, passámos um pátio escuro — a lanterna de Hatchery era a nossa única iluminação — e continuámos através de uma abertura, que era mais um buraco na parede do que uma passagem formal para uma outra série de pátios escuros. Os

edifícios pareciam abandonados, mas a minha aposta era que as janelas estavam apenas bem fechadas. Quando saímos do pavimento, o lodo do rio ou a infiltração do esgoto esborrachava-se sob os pés.

Dickens parou junto do que fora um dia uma janela larga, mas que agora, sem um único vidro, era uma mera saliência e um buraco negro do lado cego do edifício escuro.

— Hatchery — gritou ele, — a sua lanterna.

O feixe de luz projetado pelo furta-fogo da lanterna iluminou três protuberâncias pálidas, esbranquiçadas e indistintas, no peitoral de pedra partido. Por um momento tive a certeza de que três coelhos esfolados tinham sido deixados ali. Aproximei-me e depois recuei rapidamente, tapando o nariz e a boca com um lenço.

— Recém-nascidos — disse Hatchery. — O do meio nasceu morto, acho eu. Os outros morreram pouco depois do parto. Não são trigêmeos. Nasceram e morreram a horas diferentes a julgar pelos vermes e pelas dentadas das ratazanas, entre outros indícios.

— Bom Deus — disse eu através do lenço. Senti o sabor da bÍlis subir-me à boca. — Mas porquê... deixá-los aqui?

— Aqui é um lugar tão bom como outro qualquer — disse o detetive. — Algumas mães tentam enterrá-los. Vestem-nos com o que conseguem arranjar. Põem-lhes pequenos barretes antes de deitarem as pequenas coisinhas ao Tamisa ou de as enterrarem num destes pátios. A maioria não se preocupa. Têm de voltar para o trabalho.

Dickens voltou-se para mim.

— Continua tentado pela prostituta que queria levá-lo para dentro de casa para lhe vender «tabaque», Wilkie?

Não respondi. Recuei outro passo e concentrei-me em não vomitar.

— Já vi isto antes, Hatchery — disse Dickens, com uma voz estranhamente nivelada, calma e em tom de conversa. — Não apenas aqui na Grande Fornalha, durante as minhas excursões, mas na minha infância.

— Viu realmente, foi? — disse o detetive.

— Sim, muitas vezes. Quando era muito novo, antes de termos vindo de Rochester para Londres, tivemos uma criada chamada Mary Weller que me levava com ela, agarrando a minha mãozinha tremente com a sua grande e calejada, a inúmeros partos. A tantos que muitas vezes me interroguei se a minha profissão não deveria ter sido a de parteira. A maior parte das vezes, os bebés morriam, Hatchery. Lembro-me de um terrível parto múltiplo — a mãe também não sobreviveu — em que houve cinco crianças mortas — acho que foram cinco, tão assustador como parece, embora eu fosse muito novo, podem ter sido quatro — todos

deitados lado a lado numa toalha lavada sobre uma cómoda. Sabe em que pensei naquela tenra idade de quatro ou cinco anos, Hatchery?

— Em quê?

— Pensei em chispes de porco, da forma como costumam estar à mostra numa loja de tripas — disse Charles Dickens. — É difícil não pensar no banquete de Tiestes perante uma tal imagem.

— É verdade — concordou Hatchery. Tinha a certeza de que o detetive não conhecia a referência clássica a que Dickens estava a aludir<sup>4</sup>. Mas eu conhecia. Senti de novo a bÍlis e o vÓmito na garganta, ameaçando explodirem.

— Wilkie — disse Dickens bruscamente. — O seu lenço, por favor. Após um instante, entreguei-lho.

Tirando o seu próprio lenço de seda, maior e mais caro, Dickens estendeu ambos os panos sobre os três corpos em decomposição e parcialmente comidos, colocando pedaços do peitoril partido nas extremidades.

— Detetive Hatchery — disse ele, já a afastar-se com a bengala a retinir na pedra, — toma conta do enterramento?

— Antes do dia nascer. Podem contar com isso.

— Tenho a certeza de que podemos — disse Dickens, baixando a cabeça e segurando o chapéu alto quando passámos por mais uma abertura e entrámos num outro pátio, ainda mais escuro, mais pequeno e mais pestilento. — Venha, venha, Wilkie. Mantenha-se junto à luz.

A porta aberta, quando por fim lá chegámos, não se distinguia de qualquer outra das três dúzias de portas sombrias por que passámos. Lá dentro, protegida da visão exterior, colocada num fundo nicho, estava uma pequena lanterna azul. O Detetive Hatchery resmungou e mostrou-nos o caminho subindo por umas estreitas e escuras escadas.

O primeiro andar estava escuro. O lance de escadas seguinte era mais estreito do que o primeiro, embora não tão escuro, uma vez que havia o débil brilho de uma solitária vela tremeluzente, no piso acima. O ar era tão denso e o calor tão intenso, e o fedor tão absoluto, que me perguntei como a vela conseguia manter-se acesa.

Hatchery abriu uma porta sem bater e entrámos todos em fila.

Estávamos no primeiro de uma série de compartimentos, todos

---

<sup>4</sup> Atreu, rei de Micenas, depois de saber que o seu irmão Tiestes seduzira a rainha e conspirava contra ele, expulsou-o; mais tarde, recebeu-o a pretexto de uma reconciliação, oferecendo-lhe um banquete em que lhe serviu a carne dos seus próprios filhos. Ao descobrir este horror, Tiestes lançou uma maldição sobre a casa e a descendência de Atreu. [N. do T.]



visíveis através de portas abertas. Neste, dois lascarins e uma velha estavam espalhados sobre uma cama estendida, onde pareciam amontoar-se panos desbotados. Alguns panos mexeram-se e percebi que havia mais gente na cama. Toda a cena era iluminada por algumas velas já no fim e uma lanterna de vidro vermelho, que lançava uma tonalidade sanguínea sobre todas as coisas. Havia olhos a espreitarem furtivamente, por baixo dos farrapos, nos quartos adjacentes, à medida que percebi que havia mais corpos — chineses, ocidentais, lascarins espalhados pelo chão e pelos cantos. Alguns tentaram rastejar para longe, como baratas expostas a uma luz súbita. A mulher idosa que estava na cama, ali mesmo diante de nós, com os quatro postes gravados por anos de lâminas ociosas e as cortinas penduradas como panos funerários apodrecidos, fumava uma espécie de cachimbo feito de um velho tinteiro barato. O fumo espesso e acre, aromático, empestava o quarto, misturando-se com o bafo do fedor a esgoto do Tamisa através das tabuinhas das persianas, fazendo com que o meu estômago acossado pela gota desse uma nova guinada. Desejei então ter ingerido um segundo copo do meu láudano medicinal antes de me juntar a Dickens naquela noite.

Hatchery espicacou a velha com um bastão de madeira, que retirara suavemente do cinto.

— Olh'aqui, olh'aqui, velha Sal — disse ele severamente. — Acorda e fala connosco. Estes cavalheiros têm umas perguntas p'ra te fazer, e juro que lhes vais responder até eu ficar satisfeito.

«Sal» era uma velha enrugada, com falta de dentes, de face e lábios sem cor, e sem o mais leve traço de caráter que não fosse o seu deboche, visível nos seus olhos fracos e aguados. Olhou de soslaio para Hatchery e, depois, para nós.

— Ib — disse ela, reconhecendo o gigante no meio do seu torpor, — voltaste ao serviço? Preciso de te pagar?

— Estou aqui p'ra ter algumas respostas — disse Hatchery, espicacando-a de novo nos panos esfarrapados abaixo do peito encovado. — E vamos tê-las antes de partirmos.

— Pergunta — disse a mulher. — Mas, sê um bom agente, e dá-me licença para recarregar primeiro o cachimbo do velho Yahee.

Pela primeira vez, reparei no que parecia ser uma múmia antiga reclinada sobre almofadas num canto da sala, atrás da grande cama.

A velha Sal alcançou um recipiente de vidro, no centro da sala, sobre um tabuleiro japonês, que parecia estar meio cheio de algo como melaço. Levantando algum daquele melaço espesso com um alfinete, levou-o até à múmia, que jazia no canto. Quando se voltou para a luz, vi que o velho Yahee estava ligado ao cachimbo de ópio e assim estive-



ra desde que entráramos. Sem abrir os olhos por completo, pegou num pedaço de melaço com os seus dedos amarelados e de unhas compridas, enrolando e voltando a enrolar até ficar numa pequena bola pouco maior do que uma ervilha, e depois colocou-a na taça do seu cachimbo já fumegante. Os olhos da velha múmia fecharam-se e ele afastou-se da luz, com os pés descalços recolhidos debaixo dele.

— São mais quatro *pennies* para os meus modestos cofres — disse Sal quando voltou ao pequeno círculo de luz vermelha, junto à lanterna. — Yahee, tu sabes bem, 'Ib, já tem oitent'ou mais anos e é fumador de ópio há sessent'ou mais desses anos. É verdade qu'ele não dorme, ma'zé maravilhosamente saudável e limpo. De manhã, depois duma noite d'fumo, compra arroz p'ra ele e peixe e legumes, mas só depois de s' esfregar bem e limpar a casa e a ele. Sessent'anos d'ópio e nem um dia doente. O velh' Yahee fumou durant'as últimas quatro Febres de Londres sem cair doente, enquanto oz'outros à volta dele caíam como moscas, e...

— Basta — ordenou Hatchery, silenciando a velha. — Este cavaleiro vai perguntar-te algumas coisas, Sal... e se dás valor a este buraco de ratazanas a que chamas casa e onde tens o teu negócio e se não o queres ver fechado até que apodreças de sífilis, por amor de Deus, é melhor que respondas depressa e com sinceridade.

Ela olhou-nos de soslaio.

— Minha senhora — disse Dickens, num tom tão à-vontade e cordial como se estivesse a dirigir-se a uma senhora que o visitasse em sua casa, — andamos à procura de um indivíduo chamado Drood. Sabemos que ele habitualmente apadrinhava o seu... ah... estabelecimento. Faria o favor de nos indicar onde o poderemos encontrar agora?

Vi o choque e a sobriedade atingirem a mulher opiada tão certamente como se Dickens tivesse lançado sobre ela um balde de água fria. Os olhos arregalaram-se-lhe durante alguns segundos, fechando-se depois num olhar ainda mais enviesado e suspicaz.

— Drood? Não conheço nenhum Drood...

Hatchery sorriu e espicçou-a mais fortemente com o bastão.

— Isso não pega, Sal. Sabemos quel'era teu cliente.

— Quem disse? — silvou a velha. Uma vela, no chão, quase no fim, prolongou-lhe o silvo.

Hatchery sorriu de novo, mas atingiu-a mais uma vez. O bastão pressionou-lhe o braço esquelético, desta vez ainda com mais força.

— A mãe Abdallah e Booboo disseram-me os dois que viram por aqui alguém chamado Drood, em tempos... um branco, sem alguns dedos, sotaque estrangeiro. Disseram que era teu cliente habitual. Cheira a carne podre, disse-me a mãe Abdallah — disse o detetive.

Sal tentou dar uma gargalhada, mas saiu-lhe apenas um arquejo matraqueado.

— A mãe Abdallah é uma puta maluca. O Booboo é um chinês mentiroso.

— Pode ser. — Hatchery sorriu. — Mas não mais malucos ou mentirosos do que tu, minha Princesa da Fumaça. Alguém chamado Drood esteve aqui e tu sabes e vais *contar-nos*. — Continuando a sorrir, fez deslizar a pesada extremidade do bastão até aos seus dedos longos, mas deformados pela artrite.

Sal uivou. Dois montes de trapos começaram a arrastar-se com os respetivos cachimbos de ópio para outra sala, onde o barulho, caso alguém fosse assassinado, não perturbaria os seus sonhos.

Dickens retirou diversos *shillings* da sua bolsa e fê-los tilintar na palma da mão.

— Contar-nos tudo o que sabe sobre o Sr. Drood será vantajoso para si, minha senhora.

— E se *não* nos contares, passarás algumas noites — ou talvez semanas — não na cela da minha esquadra, mas no buraco mais frio e húmido que houver em Newgate — acrescentou Hatchery.

O impacto daquilo atingiu-me numa medida que não poderia afetar Dickens. Tentei imaginar algumas noites, já para não falar em *semanas*, sem o meu láudano. Esta mulher ingeria, obviamente, muito mais ópio puro do que eu alguma vez ingerira. Os meus ossos doíam-me só de pensar na privação do meu remédio.

Havia agora lágrimas verdadeiras nos olhos aguados da Princesa da Fumaça.

— Está bem, está bem, deixa-te de implicações e de ameaças, ‘Ib, sempre me portei bem contigo, não portei? Sempre paguei quando era para pagar, não paguei? Não fiz sempre...

— Conta a estes senhores o que sabes sobre este Drood e cala essa boca quanto a tudo o resto — disse Hatchery no seu tom de voz mais calmo e ameaçador. Apoiou o peso do bastão no antebraço trêmulo dela.

— Quando conheceu este Drood? — perguntou Dickens.

— Há cerca de um ano — arfou a Princesa da Fumaça. — Ele não voltou cá mais.

— Onde é que ele vive, minha senhora?

— Não sei. Juro que não sei. Chow Chee John Potter trouxe este passarão, Drood, pela primeira vez há uns oito... talvez nove anos. Fumaram quantidades prodigiosas de produto, issé que fumaram. Drood pagou sempre em soberanos d’ouro, o crédito dele era d’ouro puro e isso

era quanto custava um doce futuro, foi assim me'mo. E olhava p'los outros. Às vezes er'ó primeiro a sair, muito antes dos outros, outras vezes er'ó último.

— Quem é esse Chow Chee John Potter? — perguntou Dickens.

— Jack já morreu — disse ela. — Era um velho cozinheiro de navio, tinha um nome cristão porque tinha sido batizado, mas nunca foi muito bom da cabeça, meu senhor. El'era uma criança doce, só era... mau, só era uma criança má quando bebia rum. Mas nunca era mau só por fumar. Não.

— Esse Chow Chee era amigo de Drood? — perguntou Dickens.

A velha Sal matraqueou outra risada. Parecia que os seus pulmões quase não existiam, fosse do fumo, do consumo, ou de ambas as coisas.

— Drood, se era esse o nome dele, não tinha amigos, meu senhor. Todos tinham medo dele. Até o Chow Chee.

— Mas da primeira vez que o viu aqui, ao Drood, veio com Chow Chee?

— Sim, meu senhor, veio co'ele, mas suspeito qu'ele apenas esbarrou c'ò velho Jack e fez o parvo do velho indicar-lhe o caminho p'rá casa de ópio mais próxima. Jack teria feito isso em troca duma palavra simpática, quanto mais por um *shilling*.

— Drood vive aqui perto? — perguntou Dickens.

Sal começou a rir outra vez, mas depois começou a tossir. O terrível ruído continuou pelo que pareceu um tempo imenso. Por fim, ela arquejou e disse:

— Viv'aqui perto? Perto de New Court ou de Bluegate Fields, ou das docas, ou de Whitechapel? Nem pensar, meu senhor.

— Porque não?

— Porque teríamos sabido, chefe — rouquejou a mulher. — Um tipo como Drood teria metido medo a todos os homens, mulheres e crianças de Whitechapel e de Londres e de Shadwell. Todos teríamos abandonado a cidade.

— Porquê?

— Por causa da História dele — silvou a velha. — A sua *verdadeira* e horrível História.

— Conte-nos a história dele — disse Dickens.

Ela hesitou.

Hatchery fez deslizar a face do bastão ao longo do lado de fora do seu braço e bateu-lhe levemente no cotovelo ossudo.

Depois de ter parado de uivar, contou a história tal como a ouvira do falecido Chow Chee John Potter, de um outro traficante de ópio chamado Yahee e de um outro consumidor chamado Lascar Emma.

— Drood não é novo por estes lados; o qu'eles sabem dizer é qu'ele assombra estas vizinhanças há mais de quarent'anos...

Interrompi-a com:

— Mulher, qual é o nome de batismo deste Sr. Drood?

Hatchery e Dickens troçaram ambos de mim. Pestanejei e retrocedi. Foi a única coisa que perguntei à Princesa da Fumaça nessa noite.

Sal também troçou.

— Nome de batismo? Drood não tem nenhum nome de batismo. Ele não é batizado e nunca foi cristão. É só *Drood*. Isso é uma parte da sua História. Querem qu'a conte ou não querem?

Assenti, sentindo o rubor atingir-me a pele entre a parte inferior do aro dos meus óculos e o princípio das minhas barbas.

— Drood é só Drood — repetiu a Velha Sal. — P'lo que disse Lascar Emma, Drood foi marinheiro em tempos. Yahee, qu'ê mais velho qu'a Mãe Abdallah e qu'a porcaria juntas, diz qu'ele não foi marinheiro coisa nenhuma, foi só passageiro dum navio de pesca que veio aqui há muito tempo. Talvez há uns sessent'anos — talvez há uns cem. Mas todos 'tão d'acordo que Drood veio do Egito...

Vi Dickens e o enorme detetive trocaram olhares, como se as palavras da anciã confirmassem qualquer coisa que já sabiam ou suspeitavam.

— Era um egípcio, e de pele escura como todos os da raça danada de Maomé — continuou Sal. — O que se diz é qu'ele tinha cabelo ness'altura, preto como breu. Alguns dizem qu'ele era jeitoso. Mas foi sempre um homem do ópio. Dizem qu'assim que pôs os pés em solo inglês, começou a fumar do cachimbo da garrafa azul.

»Primeiro gastou nisso todo o dinheiro que tinha — milhares de libras, se a história for verdadeira. Deve ter vindo da realeza do Egito Maometano. No mínimo, veio do dinheiro. Ou veio à sombra dele. Chin Chin, o Chinês, o velho traficante china do West End, roubou Drood descaradamente, cobrando-lhe dez, vinte, cinquenta vezes mais do que cobrava aos clientes regulares. Depois, quando o dinheiro s'acabou, Drood tentou ganhá-lo a trabalhar — varrendo as ruas e fazendo truques de magia p'ros cavalheiros e p'ras senhoras, em Falcon Square — mas o dinheiro ganho honestamente não lhe dava p'ra comprar o suficiente. Nunca dá. Depois, o egípcio começou a gamar bolsas e depois a cortar goelas, roubando e matando marujos junto ao cais. Isso manteve-o nas boas graças de Chin Chin e garantiu-lhe fumo da melhor qualidade, comprado pelo china no estabelecimento de Johnny Chang em Londres, no Café Saint Katharine, na estrada de Ratcliff.

»Drood reuniu à sua volta alguns outros — egípcios na maioria,

alguns malaios, alguns lascarins, uns negros libertos dos navios, uns irlandeses imundos, uns alemães malignos — mas, na maioria, como digo, outros egípcios. Tinham uma espécie de religião deles e viviam e praticavam o culto na velha Cidade Subterrânea...

Sem perceber, mas com receio de interromper outra vez, olhei primeiro para Dickens e depois para Hatchery. Ambos abanaram as respectivas cabeças e encolheram os ombros.

— Um dia, ou noite que fosse, talvez há uns vint'anos — continuou Sal, — Drood veio para surpreender e esmifrar um marinheiro, alguns dizem quô seu nome era Finn, mas este Finn não estava tão bêbedo como parecia e não era um alvo tão fácil como Drood pensava. O Egípcio Drood usava uma faca de esfolar no seu trabalho obscuro — ou talvez fosse uma daquelas facas curvas p'ra desossar, daquelas quôs carneiros de Whitechapel exibem quando gritam «*excelentes e nobres nacos de carne para o jantar de amanhã, às nove e meia, sem ossos para recordação*»... e foi verdade, senhores cavalheiros e Agente 'Ib, que quando Drood acabava com eles nas docas, havia dinheiro para fumo na sua bolsa e nenhum osso que recordasse o marinheiro, cujo corpo esvaziado foi depois despejado, como tantas tripas de peixe, no Tamisa...

Ouviu-se gemer baixinho num dos compartimentos adjacentes. Senti um arpeio nos cabelos da nuca, mas aquele gemido do outro mundo não era uma reação à história da Velha Sal. Era apenas um cliente com um cachimbo a precisar de reenchimento. A anciã ignorou o gemido e os seus três ouvintes extasiados fizeram o mesmo.

— Não nessa noite de há vint'anos — disse ela. — Finn — se Finn era o seu nome — não era cliente habitual da lâmina de Drood; agarrou no braço de Drood, antes de este lhe fazer mal, e depois pegou na faca de desossar, ou de esfolar, uma delas, e cortou o nariz ao egípcio. Depois abriu o candidato a seu assassino do baixo-ventre ao pescoço, pois abriu. Oh, Finn sabia como manejar uma faca p'los seus anos d' experiência no mastro, é assim que Lascar Emma o diz. Drood, todo estraçalhado mas ainda vivo, grita não, não, misericórdia, não, e Finn arranc'á língua ao patife. Depois, cort'as partes pudendas do pagão e propõe-se a pô-las ond'a língua estava. E depois fez o que se propôs.

Percebi que pestanejava rapidamente e respirava de modo ofegante. Nunca ouvira uma mulher falar daquela forma. Um olhar na direção de Dickens fez-me saber que o Inimitável estava igualmente dominado pela narrativa e pela narradora.

— Então, por fim — continuou Sal, — este Finn — qualquer que fosse o nome deste marinheiro que tão bem sabia trabalhar com a sua faca — arrancou o coração do peito de Drood e atirou o corpo do egíp-

cio morto ao rio, de um cais a menos de dois quilómetros desta casa. Que Deus m'ajude, meus senhores.

— Mas, espere — interrompeu Dickens. — Isso ocorreu há mais de vinte anos? Você disse anteriormente que este Drood foi seu cliente, aqui, durante sete ou oito anos, até há cerca de um ano. Está tão entorpecida pela droga que se esquece das suas próprias mentiras?

A Princesa da Fumaça lançou um maligno olhar enviesado a Dickens e exibiu os dedos como garras, arqueando as suas costas curvadas ao mesmo tempo que os cabelos desgrenhados pareciam saltar-lhe da cabeça e, por um minuto, tive a certeza de que se estava a metamorfosear em gato e que, dentro de um ou dois segundos, iria começar a bufar e a arranhar.

Em vez disso, sibilou:

— Que Drood 'tá morto é o que lhes tenho 'tado a dizer. 'Teve morto desde que foi estraçalhado e lançado ao Tamisa pelo marinheiro, quase há vint'anos. Mas o seu bando, o seu grupo, os seus seguidores, os seus correligionários — aqueles outros egípcios, malaios, lascarins, irlandeses, alemães, hindus — pescaram o seu corpo inchado e apodrecido no rio alguns dias depois da sua morte e fizeram os seus rituais pagãos e trouxeram Drood de novo à vida. Lascar Emma diz que foi lá em baixo, na Cidade Subterrânea, onde ele mora até hoje. O Velho Yahee, que conheceu Drood quando ele estava vivo, diz qu' a ressurreição foi completada do outro lado do rio, nas montanhas de bosta humana e de cavalo a quòs cavalheiros tão educadamente chamam «montes de poeira». Mas onde quer quò tenham feito, qualquer que tenha sido o modo comò fizeram, trouxeram Drood de volta.

Olhei de relance para Dickens. Havia simultaneamente excitação e malícia nos seus olhos. Posso ter referido anteriormente que Charles Dickens não era o tipo de homem que se queira ter ao lado num funeral — o rapazinho que existia dentro dele não conseguia resistir a sorrir no momento menos adequado, a lançar um olhar carregado de sentido, a um piscar de olhos. Por vezes, pensava que Charles Dickens seria capaz de se rir de qualquer coisa, sagrada ou profana. Estava com medo de ele desatar a rir, naquele momento, não só pelo embaraçoso da situação, mas porque, nesse momento, tinha a mais inquietante certeza de que todo o antro de ópio à nossa volta, todos aqueles pobres miseráveis enterrados em panos esfarrapados e escondidos pelos cantos, ocultos sob as mantas, envoltos em almofadas, nos três imundos e escuros compartimentos, estavam a ouvir com toda a atenção que as suas mentes carcomidas pela droga podiam obter.

Estava com receio de que, se Dickens desatasse a rir, aquelas criatu-

ras — desde logo a Velha Sal, completamente transformada em enorme gato — saltassem sobre nós e nos despedaçassem, membro por membro. Mesmo o enorme Hatchery, e nesse instante tive a certeza do meu medo, não nos poderia salvar se isso acontecesse.

Em vez de rir, Dickens entregou à anciã três soberanos de ouro, colocando as moedas delicadamente na palma imunda e amarela da sua mão e fechando-lhe os dedos curvos e deformados em volta delas. Disse com suavidade:

— Onde podemos encontrar esse Drood agora, boa mulher?

— Na Cidade Subterrânea — sussurrou ela, apertando as moedas com ambas as mãos. — Lá em baixo, nas profundezas da Cidade Subterrânea. Lá em baixo, ond'um china chamado King Lazaree fornece a Drood e a outros o mais puro ópio do mundo. Lá em baixo, na Cidade Subterrânea, com as outras coisas mortas.

Dickens fez um gesto e seguimo-lo para fora do compartimento cheio de fumo, para o patamar estreito e escuro.

— Detetive Hatchery — disse o escritor, — já ouviu falar deste chinês traficante subterrâneo de ópio chamado King Lazaree?

— Sim, senhor.

— E sabe desta Cidade Subterrânea de que Sal fala com tanta agitação?

— Sim, senhor.

— Dá para ir a pé?

— Até à entrada, sim, senhor.

— Leva-nos lá?

— Até à entrada, sim, senhor.

— Entra connosco nesta... Cidade Subterrânea... e continua a ser o Virgílio dos nossos Dantes indagadores?

— Está a perguntar se eu vos levo ao *interior* da Cidade Subterrânea, Sr. Dickens?

— Isso mesmo, Inspetor — disse Dickens, quase alegremente. — Isso mesmo. Pelo *dobro* do preço que acordámos, claro, uma vez que a aventura é a *dobrar*.

— Não, senhor, não levo.

Vi que Dickens pestanejava de espanto. Ergueu a bengala e bateu suavemente no peito do gigante com o bico de pássaro de metal.

— Ora, ora, Detetive Hatchery. Agora a sério. Pelo *triplo* da soma acordada, leva-nos, ao Sr. Collins e a mim, até ao interior desta atormentadora Cidade Subterrânea? Leva-nos até Lazaree e Drood?

— Não, senhor, não levo — disse Hatchery. A sua voz soou esfarrapada, como se o fumo do ópio a tivesse afetado. — Não entraria na



Cidade Subterrânea em nenhuma circunstância. E é a minha última palavra sobre esse assunto. E pediria para os senhores não irem lá abaixo, se prezam as vossas almas e a vossa sanidade.

Dickens assentiu, como se ponderasse o conselho.

— Mas mostra-nos a... como é que lhe chamou... a *entrada* da Cidade Subterrânea?

— Sim, senhor — disse Hatchery. As suas palavras soaram como se alguém rasgasse papel grosso. — Eu mostro... pesarosamente.

— É o que basta, Detetive — disse Dickens, descendo à frente as escadas escuras. — É justo e mais do que suficiente. Passa da meia-noite, mas a noite ainda é uma criança. Wilkie e eu avançaremos — e descemos — sozinhos.

O enorme detetive desceu pesadamente os degraus atrás de Dickens. Precisei de um minuto para os seguir. O denso fumo do ópio no compartimento fechado deve ter-me afetado os nervos e os músculos abaixo da cintura, porque sentia as pernas pesadas como chumbo, sem reação. Não conseguia, literalmente, obrigar as pernas e os pés a descerem o primeiro degrau das escadas.

Depois, dormente e todo dorido como acontece quando um membro adormece indiferente ao seu dono, consegui descer desajeitadamente o primeiro degrau. Tive de me apoiar na bengala para não me desequilibrar.

— Vem aí, Wilkie? — souou a voz abominavelmente excitada de Dickens pela escadaria acima.

— Sim! — gritei eu para baixo, acrescentando um silencioso *Maldito sejas*. — Estou a ir, Dickens.